ANNO IV
NUMERO 211

Para todos...

PREÇO 1$000

ARTIGOS PARA
PRESENTES
PRESENTES
PARA AS FESTAS
PREÇOS AO
ALCANCE DE
TODOS
PRATARIA INGLEZA
CONTRASTADA PELO
GOVERNO INGLEZ
RICOS SERVIÇOS PARA CHÁ E CAFÉ
PRATA DE LEI
E
"PRATA PRINCEZA"
PRESENTES
PARA AS FESTAS
MAPPIN & WEBB
100 Ouvidor
RIO DE JANEIRO
JOALHERIA FINA
PEROLAS E BRILHANTES

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

—

MLLE. PARIPAROBA (Rio) — A 1ª trabalha com a Universal; a 2ª, actualmente na Metro; as duas ultimas com a Paramount.

RIO JIM (São Paulo) — Não tem trabalhado ultimamente. "Travelin On".

EX-ARTISTA (Campinas) — Não gagantimos nada. O exito depende de uma porção de circumstancias. Milhares e milhares annualmente se propõem e raros são os acceitos.

VELY (Rio) — 485 Fifth Ave. N. Y. C. E' o endereço do escriptorio da marca. Pode ter a certeza de que ás mãos della chegará.

EU MESMO (Nitheroy)—Nada por emquanto de seguro. Limitam-se a tentativas. Escrever directamente.

PANCHITO (Montevidéo) —485 Fifth Ave. N. Y. C. Leia o que dizemos acima a "Vely".

MLLE. TÉTÉA (Rio) — 1°, Ha muito que a producção decahiu a proporções infimas. 2°, Não sabemos. 3°, Parece que quebrou.

SEU DUQUE (Sabará) — Ainda não passou no Brasil. Na Argentina fez extraordinario successo; na Europa, idem. Ignoramos o que aconteceu.

P. S. T. (Rio)—E' "réclame" de algum novo film, naturalmente. Não se preoccupe.

SANTUZZA (S. Paulo) — Ouvimos falar nisso mas não demos credito. Faça o mesmo.

P. RIBEIRO JUNIOR (Capivary) —E solteira e dizem que não quer se casar. Se tem, entretanto, intenções matrimoniaes assim tão decididas, tome um vapor, vá até lá e declare-se.

SALUSTIANO (Ribeirão Preto) — 1º e 4ª, Paramount; 2ª, Metro; 3ª, Universal. As outras não tem pouso fixo. Contractou-se por film.

OZEBIO (Recife) — Não conhecemos.

DR. OBERON (Fortaleza)—Tem graça o seu pedido! Suppõe acaso que não temos o que fazer? Ora viva meu caro! "Indeferido".

LISBOA & PORTO (Santos) — 485 Fifth Ave. N. Y. C.

MISS HOBBS (Rio)—Solteira, loura, olhos azues, 19 annos.

BENTO SILVA (Santos) — Já passou ha muitos mezes. Nem por isso. Mais as vozes do que as nozes.

SEU XICO (Rio) — Não pode ser.

EU E O OUTRO (S. Paulo) —Correu isso por aqui, mas averiguou-se ser boato simplesmente. Alguma confusão, algum engano.

MANI SOBA (Crato) — Da Universal. Universal City, Calif.

MISS PITT EIRA (Bello Horizonte) — E' casado e tem 30 annos mais ou menos. 485, Fifth Ave. N. Y. C.

MLLE. REDONDINHA (Petropolis) — No correio geral encontram-se á venda, pelo custo de 200 rs. cada um. Tem de enviar 10 para cada retrato.

SENHORITA ROSA (Petropolis) — Já deixou a Paramount. Bebe continua.

LILITA (Rio) — 1ª, Solteira; 2ª e 3ª, Divorciada.

SR. PASCACIO (S. Paulo) — Que quer que lhe façamos? Quem o mandou ser confiante? O mundo está cheio de espertalhões.

PEDRO O CRU' (Rio Bonito)—Solteira, loura, 23 annos, 1,60 de altura e 55 kilos de peso.

MEU BEM (S. Paulo) — Sentimos mas isso vae de encontro ao nosso programma. Brevemente.

LÓLO', LALÁ e DÉDÉ (Rio)—Publicaremos em proximo numero.

HARPAGON (Rio) — Nem todos vêm. Iremos dando á proporção que sahirem.

MISS ELECTRICA (Rio) — Teremos de fazer breve o que pede, mas não antes desses quatro mezes mais chegados.

SAGRAMOVE (Santos) — Tenha paciencia, mas não é possivel.

EUSEBIO MACARIO (Rio) — 485 Fifth Ave. N. Y. C.

BENDENGO' (Rio) — Já publicamos.

AVENTESMA (Rio) — Não póde ser.

MISS CURIOSA (Manáos) — Não conhecemos. Póde ser que escrevendo obtenha.

LÉCOLÉCO (Therezina)—Universal City. Calif.

MMLE. VERMELHINHA (Santos) — Veremos se é possivel satisfazel-a. Olhe que já publicámos tres.

VIVIENNE (Coritiba)—Não gostamos. O que publicámos foi plenamente justificado pois esse film passou com os salões ás moscas.

PESSOAL & C. (Rio)—Da Fox. 10th Av. 55th to 56th Str. N. Y. C.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000
" semestre (26 ns.)	25$000
Estrangeiro	60$000

PREÇO DA VENDA AVULSA	
No Rio	1$000
Nos Estados	1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Os Films da Semana

Como rarissimas vezes acontece, nesta semana appareceu, sem os estardalhaços da reclame, um bom film. Um film completo, com todas as qualidades indispensaveis para uma producção moderna. O publico, muito justamente soube applaudil-o. E, mesmo sem os cartazes berrantes, sem os instantaneos do publico enchendo-lhe os salões, o Odeon foi pequeno para conter a platéa que desejou ver a encantadora Constance Talmadge em "Com o amor não se brinca". Uma comedia ligeira, cuja graça espontanea, desde a primeira á ultima scena, prende o espectador ao trabalho da First National, tão brilhantemente enscenado e interpretado.

Esse foi sem nenhuma duvida o melhor film da semana. Bom seria o da Paramount: "E' a mulher mais forte que o homem?" si o final não fosse tão desastradamente imaginado. Apenas algumas scenas interessam na producção e isso mesmo porque Gloria Swanson, que o interpreta, surprehende-nos sempre com sua elegancia e com a belleza dos seus olhos azues. Aliás, parece que os córtes da censura *internacional* inutilisaram grande numero de scenas.

Outro film bom foi o da Ass. Prod. "A mulher que Deus lhe deu". Dramatico, emocionante, photographando com admiravel verdade alguns costumes da vida social de nossos dias, agradou a producção. Seus interpretes, ainda não popularisados, entre nós, Marcia Manon, James Kirkwod e Elen Jerome Edy, crearam magnificamente seus papeis. No Parisiense agradou tambem o film da Goldwyn, "O policia 666", creação de Tom Moore.

Tom Mix, no Pathé, numa producção das mais felizes do seu genero interessou. "O repentino" para os admiradores do grande *cow-boy* é mais um magnifico trabalho.

Foram essas as producções que despertaram curiosidade e mereceram a attenção do publico.

Outros *films* mal compensaram o preço do bilhete. A producção allemã do Palais nada merecendo, inferior como sempre e ridicula, não valeu os 1$000 da entrada.

OPERADOR N. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 18 A 24 DE DEZEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
First-Nat.	Odéon	Com o amor não se brinca (Dangerous Business)	Constance Talmadge	1920	7
Paramount	Avenida	E' a mulher mais forte que o homem? (Her Husbands Trademarck)	Gloria Swanson, Stuart Holmes, Ricardo Wayne	1922	6
Mayflower	Pathé	O peccado de Martha (The sin of Martha Queed)	May Thurman e Niles Welch	1920	4
?	Palais	Vingando a morte do filho (?)	Olaf Foons	?	1
Fox	Central	Falsa accusação (The Man from Bitter Roots)	William Farnum	Réprise	Réprise
Goldwyn	Parisiense	O policia 666 (Officier 666)	Tom Moore	1920	6
Fox	Pathé	O repentino (For Big Stakes)	Tom Mix	1922	6
?	Palais	Os senhores do mar (?)	Barry de Loon, Maria Palma, Tibor Lubinsky	?	3
Ass. Prod.	Central	A mulher que Deus lhe deu (The Forbidder Thing)	Marcia Manon, James Kirkwod, Helen Jerome Edy	1920	6
Realart	Parisiense	Dever de gratidão (A Homespun Vamp)	May Mac Avoy	1922	5

BOLEMFOGO (Rio) — Não bula que pode se queimar, 485, Fifth Ave. N. Y. C.

✣

"O ferreiro da aldeia" poema de Longfellow vae ser filmado por David Butler. Bessie Love, Tully Marshall, Virginia Valli, e outros para a Fox.

✣

Em *Doand Clare* da Fox, com Tom Mix ha *uma serie de revoluções em uma republica da America do Sul*. Esse pessoal não se emenda!...

✣

"*Dr. Jack*" é o ultimo film de Harold Lloyd para a Pathé N. Y. O argumento é de Hal Roach, Sam Taylor e Jean Havey. A direcção de Frederick Newmayer. Figuram nelle Mildred Davis e outros.

✣

"O 9° mandamento", argumento de Fannie Hurst, é um novo film da Cosmopolitan agora começado. A direcção é de Frank Borzage. Colleen Moore e James Morrison desempenham os principaes papeis.

✣

"When Civilisation failed" e o novo film de Lech Baird com Tom Santschi, Aleé B. Francis e outros.

✣

"The Scarlet Sily" é o futuro film de Katherine Mac Donald, com ella trabalhando Stuart Holmes, Orville Caldwell, Adele Farimgton, Lincoln Stedman.

Douglas Mac Lean, Marguerritte de la Motte e Raymond Hatton figuram no film de Ince "A man of action", a ser em breve exhibido.

Katherine Mac Donald

"The dangerons Age" é o novo film de Ruth Clifford; "Money, money, money", de Katherine Mac Donald; "Suzanna", de Mabel Normand; "Fiddle and I" de Jackie Coogan; "The Light in the dark" de Hope Hampton; "Minnie" de Marshall Neilan; "Sleppy Mc Gee" de Colleen Moore, todos para o First National.

✣

No film "Outcast", da Paramount, Elsie Ferguson, que faz o papel principal, é salva das ondas pelo heróe (David Powell) de bordo de um hydroplano. Para filmar essa scena foi necessario empregar nada menos de tres apparelhos de apanhar as scenas: dous hydroplanos e um dirigivel serviram aos operadores para esse effeito.

✣

Uma das que voltaram tambem, para a fabrica de Carl Laemmle, foi Lois Weber, a grande directora, que lhe deu os seus melhores films. Neste contracto, ella vae refilmal-os, e o primeiro será "Jewel" que passou aqui com o nome de "Gloriana", si não nos enganamos, com Ella Hall como protagonista. Rupert Julian, fazia até o avô e Jack Holt o namorado da irmã, lembram-se?

Lois Weber está, por signal, arranjando uma "cara nova" para esta segunda edição.

✣

Dorothy Gish deve posar ao lado de Richard Barthelmess, no film do First National "Fury".

Varias scenas desse film se passam no alto mar.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

HISPIDES (Santa Cruz) — Grande apreciadora dos homens fortes physicamente falando. Seu enthusiasmo pelos campeões dos diversos jogos não tem outra explicação. Ha nos traços graphicos fundos vestigios de grandes instinctos sensuaes; desses instinctos, porém, que não perdem o tempo em poetisar... Mas apezar de baixo materialismo é certo que possue grande sensibilidade espiritual em face do infortunio alheio — cousa realmente muito apreciavel e absolutoria de grandes peccados... Tambem possue o dom artistico para tudo quanto é musica.

AIRAM (Rio) — Percebe-se na sua letra a suggestão de um espirito attribulado, que ainda se não define bem, mas cuja tendencia é para si contradição. Por isso mesmo soffre represalias, mas soffre-as com grandeza d'alma, reagindo e insistindo nas suas opiniões. E' assim uma teimosa, por vezes pirracenta, sobretudo em se tratando de assumpto amoroso — seu unico idealismo. Quando, pela idade, adquirir maor ponderação, verá sua vida correr melhor.

VIOLETA DO PRADO (Rio) — Tem uma natureza delicadissima, sensivel, vibrante. Não sabe lutar sem dar na vista ou com excessos de tristeza ou com alegria exaggerada. Deve ser uma pilha de nervos, como se costuma dizer. Entretanto, na luta do amor chega a ser de uma discreção a toda a prova. Deve ser por egoismo, para não despertar attenção e poder gosar sózinha os proventos dos seus anhelos. E' francamente idealista, de imaginação fecunda e colorida. Mas bondade cordial não tem nenhuma.

VASSOURINHA (Ceará) — Cerebro possante, deductivo, cheio de idéas praticas. Todavia, possue uma vontade quasi desorientada. Não sabe bem o que quer, quando trata de realisar aquillo que o cerebro concebe. Hesita e, quasi sempre, realisa o opposto d'aquillo que tinha imaginado. Se pensasse menos acertava mais, isto é, contaria maior numero de realisações. O seu espirito é um tanto sombrio, não obstante uma apparencia em contrario. Tem bondade cordial, mas sómente para com os seus.

ROSAURA (São Paulo) — Temperamento ardoroso, arrebatado, capaz de pôr fogo a uma casa para assar um ovo... Vae-se a ver, é só fogo de palha. Não tem a menor qualidade de resistencia moral. Qualquer contratempo a desnorteia; qualquer contrariedade a faz padecer. E' leviana em seus pensamentos e em seus actos — o que, aliás, se deduz facilmente da primeira impressão externada. Sua intelligencia é vivaz, mas não tem profundez nenhuma. Cuida muito da sua pessoa physica: é extremamente garrida em cousas de *toilette*, para o que tem extraordinario geito.

AMBIÇÃO (?) — O mais notavel na sua graphia é o traço do sensualismo: é intenso e permanente. Ao mesmo tempo, não esconde o seu pendor para o idealismo, de sorte que todos esses indicios se resumem em voluptuosidade. Ha, de facto, como diz, uma grande ambição: o amor ao dinheiro; mas acima disso está a perspicacia de o não mostrar, e até de apparentar desprendimento. Sua vontade é extensa e poderosa; falta-lhe, porém, alguma paciencia, o que a enfraquece bastante. Não é máo o seu coração, mas podia ser muito melhor.

PANOPTA (Ribeirão Preto) — Sua letra denuncia um espirito contraditorio, embora bem intencionado. E' expansivo, para logo se tornar reservado e cheio de desconfiança. Tem ideal, tem fé, tem uma grande confiança no futuro, mas de um momento para o outro fica sceptico e materialista. E consegue, ás vezes, mostrar ao mesmo tempo essa duplicidade que tanto lhe prejudica, senão a sympathia, pelo menos o acatamento que devia merecer. Sua vontade é caprichosa, mas não tem directriz. Falta-lhe mesmo alguma intensidade. Coração bondoso, embora com limitações incomprehensiveis.

BALDWIN (Rio) — Quem o vê não o leva preso... Apparencia mansa, ingenua, sympathica. Dentro, porém, mora uma alma desleal, quasi traiçoeira, capaz de adulterar e perverter tudo, comtanto que lucre a sua vaidade ou a sua bolsa. E' talvez, o peor dos defeitos. Ainda assim, tambem lhe cabe o da inconstancia de espirito e o da presumpção caricata de dotes intellectuaes que, realmente, não possue. Tambem o coração é vario, mais inclinado, porém, ao egoismo e um pouco á maldade. Tem tambem o vicio da incontinencia sensual.

INSENSIVEL (Rio) — E' só no pseudonymo. A sua sensibilidade, pelo menos ao amor, está a toda a prova. Seu maior prazer é amar, é occupar a sua imaginação com idyllios e ter o coração sempre em festas com a presença de um *elle*, a quem dedique ou procure dedicar affecto. Tal indicio é commum nas pessoas do seu sexo; não, porém, com essa constancia, nem com esse caracter de sentimento... sportivo. Tam é só para o que dá. No seu cerebro e no seu espirito não ha logar para outras preoccupações. Sómente se destaca um pouco o seu pendor para a futilidade literaria.

JOHNSTON (Campos) — Não é possivel determinar bem o seu caracter. Ha indicios de sisudez, mas ha tambem signaes de leviandade. O seu espirito participa dessa indecisão: ora é frio, ora arrebatado, procurando vencer ou pela indifferença ou pela violencia. O mais certo é o caracteristico da vontade, e esse é, de facto, notavel. E' dos taes que não recuam ante cousa alguma e proseguem até conseguir o seu desejo. Tem tambem um coração firme e muito bondoso. Predomina o feitio materialista, mas attenuado com a excellencia de algumas qualidades.

LILY GOELITZ (Bello Horizonte) — Espirito calmo, de grande força para resolver bem qualquer assumpto, mórmente os que não entendem com os dotes da imaginação. Sua alma é simples, ingenua, muito propensa á meiguice, mas facilmente inflammavel, se a melindram. Tem uma poderosa força de vontade, mas sabe dominar-se e parecer até fragil... se julgar conveniente. Isso quer dizer que tambem não lhe falta perspicacia. O que lhe falta é bondade cordial.

BONAR LAW (Petropolis) — E' perfeitamente um inductivo. Chega ás conclusões mais efficazes e mais claras, pelo só esforço do seu raciocinio, tirando-as de idéas geraes ou particulares, mas acertando sempre. Seu espirito é calmo e ponderado. Pouco se importa de que o chamem de tardo e até de cousas mais feias... Sente-se bem nesse caminho de prudencia e ponderação. Tambem seu coração é frio para o amor, embora o não seja para a philantropia. Predomina em seu todo o traço material, mas occulta um certo idealismo, pelo qual se bate, sem que ninguem saiba. E' talvez o ideal socialista.

FIM DE ANNO

NOVO ANNO...

sagrados ao serviço de sua innumeravel clientela que se estende de um a outro extremo do Brasil, saúda todos os seus freguezes e amigos e agradece o apoio moral e material que lhe prestaram, em provas constantes e inequivocas de preferencia e sympathia, que sempre foram e serão o grande orgulho e o maior incentivo dos que nesta Casa trabalham.

E para que uma affinidade de vistas cada vez mais productiva as accentue entre nós e o publico no decorrer do anno que começa, fazendo d'esta Casa a grande e genuina fornecedora da familia brasileira, na mais intima intelligencia de esforços e reciprocidade de interesses e dedicações, — o publico amparando esta Casa que é sua e nós zelando pela maior conveniencia do publico a cujo serviço consagramos a nossa organisação — queremos frizar bem, ao transpôr a meta que delimita o anno que expira do anno que começa, a nossa firme decisão de trabalhar com o maior afan no sentido de prestar á nossa vasta clientela toda a somma de utilidades que esteja ao nosso alcance e que de ha muito faz parte de nossos desejos e aspirações, a qual se resume em OFFERECER, PELO MENOR PREÇO POSSIVEL, A MAIOR SERIE DE VANTAGENS QUE E' DADO FACULTAR AO COMPRADOR.

Nos tempos difficeis que se desenham não é de pouca monta e proposito leal e honesto de uma organisação dispendiosa como a do PARC ROYAL, que quer pautar as suas regras de commerciar pelas necessidades e gostos do publico e, de um modo especial, pelas faculdades acquisitivas de sua clientela, aspecto este que hoje muito importa considerar. Assim, o PARC ROYAL terá as suas luxuosas secções de grande moda, nas quaes brilhará o reflexo permanente das ultimas creações e novidades europeias; mas terá tambem a par d'isto e em muito maior escala os artigos de lei, os tecidos de preço medio accessiveis á bolsa do remediado, as roupas baratas que interessam ás classes menos favorecidas de fortuna, vestuario para crianças, roupas brancas, camisaria, roupas de cama e meza, artigos de armarinho, artigos para uso domestico, tapeçarias e adornos mobiliarios, todo um grande fornecimento, emfim, que interessa primariamente ás donas de casa e aos chefes de familia a quem cumpre velar pela organisação methodica dos orçamentos domesticos, hoje subordinados a um attento exame e a successivas e prementes modificações.

O PARC ROYAL quer ser e certamente será um auxiliar poderoso da economia domestica, resolvendo á sua parte um dos grandes problemas da vida actual — o do vestuario — que occupa o logar mais importante depois dos dois grandes e obsediantes problemas do momento, que são a habitação e a alimentação.

Barateando quanto possivel o seu formidavel *stock* actual, reforçando-o successivamente com os recursos que a sua organisação lhe faculta e limitando os seus interesses á porcentagem strictamente necessaria a garantir o funccionamento regular de sua vida economica, o PARC ROYAL pensa tornar-se no novo anno, mais ainda que até aqui, o amigo util, desvelado e vigilante do publico, cujo bem estar lhe interessa sobremaneira, tanto quanto o seu proprio, como fonte donde promanam os elementos necessarios ao seu proprio desenvolvimento.

Que o publico se compenetre da verdade e opportunidade d'estes propositos e que, tanto quanto esta Casa o está servindo, elle sirva e ampare sempre o

AS FUTURAS ESTREAS

(ATRAVEZ DA CRITICA NORTE-AMERICANA)

MANSLAUGHTER, da Paramount, com Leatrice Joy, Lois Wilson e Thomas Meigham foi a grande film do mez. Raramente, se tem visto em cinematographia uma producção tão perfeita. Jámais Cecil B. de Mille produziu coisa que tanto nos enchesse as medidas. E' um super-espectaculo em toda a extensão da palavra. Todos os processos desse director de scena requintaram em *Manslaughter*. A visualisação das orgias de Roma fórma um imponente espectaculo. Jámais vimos Leatrice Joy e Tommy Meigham tão attrahentes. O mesmo se poderá dizer de Lois Wilson.

WHEN KINGHTHOOD WAS IN FLOWER, da Paramount Cosmopolitan,

com Marion Davies, merece todos os adjectivos laudatorios tambem. Robert Vignola, que o dirigiu, lavrou um tento. Marion Davies vae admiravelmente no seu papel, muito melhor do que em todos os anteriores. Pedro de Cordoba, Ruth Shepley, Ernest Glendining, Johnny Dooley, Lyms Harding, Gustav Seyffertitz, todos bem em seus differentes papeis. E' um esplendido film.

THE ETERNAL FLAME, da First National,

com a outra Talmadge. E' o melhor papel de Norma até agora, em minha opinião. Argumento extrahido do romance de Balzac "La duchesse de Langeais". Norma sempre bella e elegante em uma serie de bellas *toilettes* do seculo passado. Conway Tearle muito bom.

EAST IS WEST, da First National, com Constance Talmadge em um papel de chineza, o que lhe dá ensejo de nos apparecer em uma serie de lindos kimonos. Warner Oland é que tem o melhor papel. Bom film.

HUNGRY HEARTS, da Goldwyn, com Rose Rosanova, Helen Ferguson e Bryant Washburn, é um desses estudos da familia judaica por Suzie Yezierska. Os dois jovens namorados muito bem, mas mlle. Rosanova torna o seu papel antes antipathico. Minha opinião é que se deve ver o film até cinco minutos antes de acabar a projecção.

THE BROADWAY ROSE, da Metro. com Mae Murray a dansar, cada vez com menos roupas.

THE HOUND OF THE BASKERVILLES,

é um film inglez, com Ellie Norwood no papel de Sherlock Holmes, e Betty Campbell. A direcção fraquissima. O photographo tambem parece que trabalhou no nevoeiro.

THE GHOST BREAKER, da Paramount,

com Wallace Reid e Lila Lee, é uma agradavel comedia, cuja acção se passa no Rio de Janeiro, onde a linda Lila tem um castello. Não gostamos. Parece que Wally sentiu falta do seu automovel.

A LITTLE CHILD SHALL LEAD THEM, da Fox.

com creanças e cachorros misturados, uma pequena que gosta mais dos cachorros do que das creanças, outra que é, justamente, o contrario, mas... emfim, é um film da Fox.

TIMOTHY'S QUEST, da American Releasing,

é outra historia de creanças, mas essa cheia de encanto e poesia. Joseph Depew, que desempenha o papel de Timothy, Helen Rowland no de sua jovem irmã, contribuem tanto como Sydney Olcott, que dirigiu, para o exito do film.

LOVE IS AN AWFULL THING, da Selznick,

com Owen Moore, é uma divertida comedia. Margerie Daw figura no film.

HEROES AND HUSBANDS, da First National,

com Katherine Mac Donald e Nigel Banie, não nos agradou.

BURNING SANDS, da Paramount, com Milton Sills e Wanda Hawley, é mais um desses films orientaes que *O Sheick* desencadeou.

Algumas scenas são interessantes.

DUSK TO DAWN, da Associated Exhibitor's,

com Florence Vidor, sempre dirigida por seu marido King Vidor, e Jack Mulhall. Historia da India, com bellissimas scenas, bem dirigida e bem interpretada.

a seus Freguezes e Amigos a

CASA COLOMBO

deseja Feliz Anno Novo

Casa Colombo

A graça e a seducção
podem ser obtidas e a velhice
retardada
A Belleza considera-se attingida sempre que se obtem
uma perfeição, uma graça, que torne o rosto o conjuncto har-
monioso e attrahente. Ao mesmo tempo, o cuidado, a hygiene
e o uso de um producto verdadeiramente util como o
"POLLAH" corrigirão as imperfeições
prematuras e retardarão as que são
devidas á edade.
Não fui generosamente dotada pela natureza, sem entretanto ter um physico desagrada-
vel: deixei de proporcionar á minha cutis os cuidados necessarios e tive o desprazer de consta-
tar em certa época que parecia mais feia do que realmente era. Procurando só então corrigir
as manchas, cravos, pelle aspera e desigual, um pouco flacida, entreguei-me a diversos trata-
mentos, sem consegur o que desejava. Fui, entretanto, muito feliz, com o uso do crême
"POLLAH", crême inegualavel, não só para curar os defeitos como para conservar e embel-
lezar a cutis; com satisfação, de todos comprehensivel, vi desapparecerem as manchas, os cra-
vos, senti a pelle mais unida, firme, mais esticada e adquiri uma côr mais clara e uniforme.
Agora, com uma linda pelle parelha, suave, com o rosto muito mais attrahente, não dis-
penso o "POLLAH", como conservador da cutis e o melhor crême de toilette. — MARIA
PACHECO. — S. Paulo.
O CRÊME POLLAH encontra-se nas principaes perfumarias do Brasil. — Remette-
remos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, que indica os cuidados e hygiene para
a cutis, a quem enviar o coupon abaixo aos Representantes da "American Beauty Aca-
demy. — Rua 1° de Março, 151,
(Para todos...) — Córte este coupon e remetta aos Representantes da Ame-
rican Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, Sob. — Rio de Janeiro.
NOME .... RUA ....
ESTADO .... CIDADE ....

ANNO IV
NUMERO 211

Para todos...

Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1922

NOCTURNO

Noite desillusora. Noite de prophecias... O silencio punha na paizagem perdidos mysterios e despertava encantamentos... E as ruas tinham tristezas taes como se por ella houvessem passado os taes homens piedosos que levavam para as bandas da Galiléa a cabeça nostalgica de João... O poeta chorava. O vento ia revolteando as estrellas pelo céo. E as estrellas iam se apagando de tristeza, vendo o poeta chorar... Tudo ali tinha a miseria grandiosa do lar dos predestinados. Os moveis pretos e antigos. Os in-folios revirados... A penna dormindo no tinteiro... E, perto da mesa, a mãe do poeta via o filho chorando... Depois, com aquelle ar longinquo da sombra, aquelle gesto do passado, tomou-lhe a cabeça nas mãos e poz-se a acariciar-lhe em silencio os cabellos foscos... os cabellos tristes... No ermo da noite, parecia que só palpitavam aquellas duas vidas obscuras... E, como fosse quasi ao morrer da tréva, a pobre mãe somnolenta, baixando as petalas roxas das palpebras, começou de falar ao poeta que ia enlouquecendo num soluço sem fim: — Meu filho, meu pobre filho... Vae fazer vinte annos que o meu amor te sonhou!... Vinte annos que eu te trouxe dos mundos inconscientes... — Mãe, por que me trouxeste de lá? — E imaginei-te sempre como um reizinho loiro, á hora de subir ao throno... — Um reizinho mendigo, mãe! — Imaginei que terias tudo, que a tua mão alcançaria todas as flores e todos os pomos... — Flores tristes... pomos murchos... — Meu filho, meu pobre filho... Por que eu nunca te vi rir como um reizinho que está todo vestido de oiro e que vae ser coroado? — Porque eu sou desgraçado, mãe. — Mas tu és bello... mas eu te adoro... Toda a gente me diz que és um poeta tão grande! (E o poeta ficou sorrindo tristemente, no seu choro...) — Que é que tu queres, meu filho, e que não tens? — Mãe, a Felicidade, mãe! — A Felicidade é amar, meu pobre filho... Has de achar essa rapariga de olhos de fonte... Essa rapariga que vae cantar na sombra da tua vida como uma cigarra dentro da matta escura... — Essa rapariga não existe... — Tudo existe, meu filho... Todas as cousas que se imaginam, ha no mundo... — E' como se não existisse, mãe! — Por que, meu pobre filho? — Porque nem que eu a procurasse, nem que a buscasse pela terra toda, nem mesmo se eu a encontrasse, ella poderia ser minha! — Meu filho... — Porque ella é a mulher que não nasceu para a gente. A mulher que se não póde deter na nossa vida... A mulher que segue para o seu destino... Para o destino dos outros... Podia ser nossa. Mas não será. E' Deus que o manda. Póde-se ficar toda a vida a chamal-a... a chamal-a... (E o Poeta continuou a chorar...) O vento parou. Depois, seguiu... E a pobre mãe ficou mais triste, acariciando aquelles cabellos foscos e longos com uma franja de lagrimas nos lyrios roxos dos olhos... Tinha o presentimento de que o filho não se enganára... E era tão doloroso!

CECILIA MEIRELLES.

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Esculpturas do Palacio das Festas

DE AMADO NERVO

Sempre que houver um vacuo em tua vida, enche-o de amor. Adolescente, joven, velho: sempre que houver um vacuo em tua vida, enche-o de amor.

Emquanto tiveres tempo deante de ti, vae em busca do amor. Não penses: "soffrerei". Não penses: "engarnar-me-ão". Não penses: "duvidarei". Vae simplesmente, diaphanamente, alegremente em busca do amor. Que sorte de amor? Não importa: todo amor está cheio de belleza e de nobreza. Ama como puderes, a quem puderes, tudo que puderes... mas ama sempre. Não te preoccupes com a finalidade de teu amor. Elle leva em si mesmo a sua finalidade. Não te julgues infeliz porque não respondem ás tuas caricias; o amor leva em si sua propria plenitude. Sempre que houver um vacuo em tua vida, enche-o de amor.

Ben Turpin, convencido de que tem azar...

ALMA PURA

Tenho admiração pelo Sabino. Aprecio-o em extremo: — é um bello caracter e um crente convicto, sem ostentação nem vaidade. Si elle virasse os olhos p'ra dentro agora, a carcassa baixava, como é costume fazerem aos que perderam o folego, — ao fundo da cova, mas a alma, essa, serena e pura, subia direitinha para as bemaventuranças do céo. E não é de admirar. Confessa-se todas as semanas e raro é o dia em que deixa de papar uma missinha, para espantar os máos pensamentos. Diz elle que, ao sahir da igreja, se sente tão confortado e leve que até parece que os pés não vão a tocar na terra.

Peccado, — é cousa que ha de ser difficil encontrar furo para lhe entrar no corpo.

Si, por acaso, alguma mulher, — dessas que gostam da pandega e de mexer com todos — lhe fuzila um maroto olhar, finca a cabeça no chão e muito teso, fazendo figas, apressa o passo a murmurar baixinho:

— Sáe azar! vae-te tentação! e deixa quieto quem não está a bolir comtigo...

Dá-se muito commigo; somos camaradas velhos desde os aureos tempos, em que, ambos, de ópa e tocha, acompanhavamos o Santissimo, — de quem meu pae era irmão, sendo eu por conseguinte seu sobrinho legitimo.

Quando estamos reunidos, de momento a momento, vejo Sabino tirar o chapéo, ao pronunciar ou ao ouvir pronunciar o nome de qualquer Apostolo ou Santo que tenha cotação na Côrte Celestial.

E o exaggero da sua Fé sóbe ao ponto, de pôr a cabeça núa, quando fala ou ouve falar nas ruas — Santo Antonio, Sant'Anna ou mesmo avenida Menino Deus!

Outro dia, iamos os dois, silenciosos, hombro a hombro, subindo a ladeira do becco aqui ao lado, quando vi que levantava a mão e rapidamente suspendia a tampa, descobrindo-se com reverencia.

Olheio-o surpreso.

Não passavámos diante de nehuma Capella ou Templo! A' esquerda era a barbearia do Gallo, á direita a casa de fructas do Pinto, onde, entre variadas verduras e bellos cachos de bananas, ostentavam-se bojudos potes, contendo a deliciosa sobremesa, feita de canna de assucar, — que, conforme o gosto, se usa comer com farinha ou miolo de pão com queijo.

Não me contive. Curioso, interroguei-o:

— O' Sabino, você está com calor?

— Eu, não.

— Como tirou o chapéo...

— Está bem de ver.

— Bem de ver, — o que?

— Foi para ambos.

— Para ambos?

— Sim, para elle e para ellas.

— Elle e ellas?!

— Sim, filho. Para o melado, que é de Santa Catharina e para as bananas, que pódem ser de São Thomé!

E, com respeito, lá se foi de novo á cartolinha, pondo a calva á mostra...

JOTA SO'.

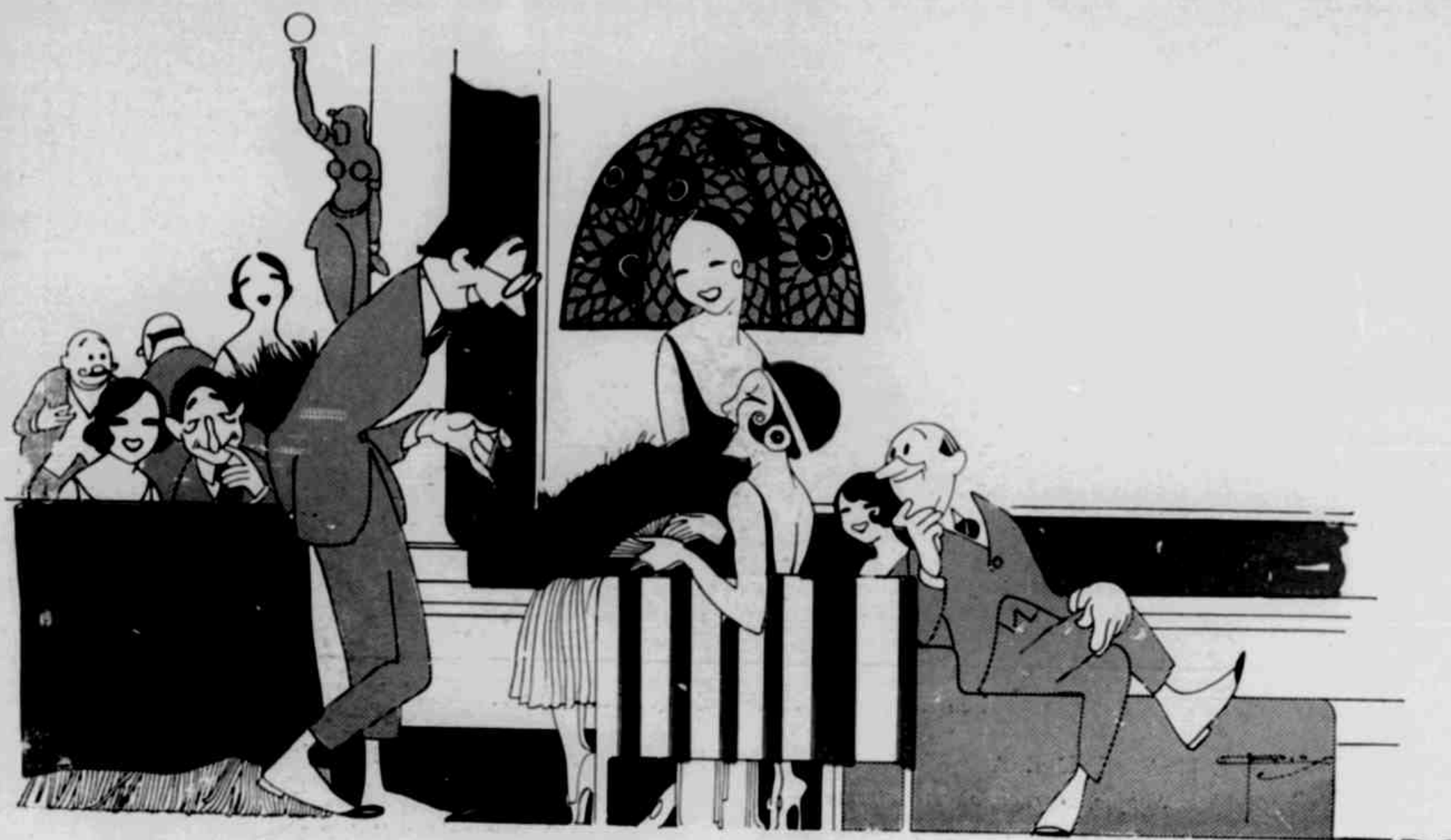
◇

ELLA...

A Light supprimiu, no serviço telephonico desta capital, as informações sobre as horas do dia.

Estará a poderosa empreza com receio de que o novo Prefeito da cidade acérte com o momento de lhe pedir contas do descaso com que ella ha tanto tempo serve o publico?

◇

Tudo que eu não te disse era verdade... O resto... foi a pobre illusão do nosso amor... — ARLEQUIM.

AGUARDANDO UMA VAGA

— O senhor aqui, seu Pancracio ? Já não gosta mais de passeios pelas sombras do jardim ?

— Que se ha de fazer, senhorita ? O caramanchão já está cheio...

(Desenho de J. Carlos)

DO PARAGUAY

No Theatro Granados, de Assumpção, foi representada, pela primeira vez, a 18 de Novembro, a obra, em guarany, "Mboraijhú jha Tesahy", (Amor e Lagrimas), com o concurso de elegantes jovens da sociedade da capital do paiz irmão. Essa noite foi de triumpho para o illustre poeta e seus interpretes. Toda a imprensa paraguaya saudou o trabalho do illustre autor como um dos mais bellos da literatura dramatica da nação. Francisco M. Barrios é grande amigo do Brasil, e aqui esteve, ha tres annos, com seu irmão, o mestre insigne do violão.

O poeta paraguayo Francisco M. Barrios

PELOS ARES...

O novo director de Obras da Prefeitura desta capital mandou noticiar no orgão official da municipalidade, que fizera um vôo de aeroplano para inspeccionar os diversos e muitos trabalhos que a sua repartição está executando !

Os "humoristas" cahiram em cima da noticia que foi uma belleza ! E não hão de deixar o Dr. Mario Monterio "aterrar" tão cedo... do "ar de sua graça"...

NA PORTA DO ALVEAR

— A senhora já foi ás touradas ?

— Já...

— E então, gostou ?

— No dia em que eu fui não havia touros... Tambem não havia toureiros... Mas, felizmente, os bilhetes custaram carissimos... sempre é um consolo...

Enlace Guiomar da Silva Moreira — Horacio Rezende Filho.

Comedias e Comediantes

O AMANTE DA ACTRIZ

Só quero falar dos que apenas servem para "prejudicar" a actriz pelo excesso do louvor. Ha tempos encontrei Fulano, acompanhado de Cicrana, actriz intelligente e bonita. Iam apressados: ella ia ensaiar, pela primeira vez, um papel dramatico de responsabilidade que deveria representar no dia immediato.

— Tem uma memoria prodigiosa, gabou Fulano; amanhã, ha de dizer o papel na ponta da lingua.

— Felicito-a pelo memoria, mas lamento-a, minha senhora, por ser forçada a usal-a em tão más condições. E' um sacrificio que não aproveita á actriz, nem á arte.

— Tem razão, respondeu ella timidamente, mas o senhor sabe... preciso de ganhar a vida... e só os "tiros" é que nos dão alguns recursos.

— Apezar disso vae representar lindamente. Aqui onde a vê tem um grande talento. Vá vêl-a amanhã e depois me dirá! Nenhuma das outras lhe chega aos calcanhares. E foram para o theatro. Se o Fulano não vivesse no mundo da lua e á custa do trabalho da pobresita, não affirmaria que, no dia seguinte, ella iria fazer outra coisa além de recitar as palavras do papel, com as into nações que a inspiração do momento lhe suggerir. As faculdades intuitivas pódem muito, e, no theatro, têm sido o melhor passaporte para... o successo da maioria. Apenas, tudo isso é malbaratdo pelas contigencias da vida, pelo estado precario do theatro, pelos elogios nocivos dos amantes como Fulano e pela longanimidade da critica.

Lecticia Flora, do Theatro S. José

CA POR CASA

Por que será que a Maria Lina vae consultar os feiticeiros, cartomantes e espiritas-videntes? Será para saber se haverá esperanças de salvar os "cobres" que empregou na companhia?

■ Descoroçoada com o theatro, a Natalina Serra voltou ao commercio de fructas e hortaliças. Ha dias, na Avenida, arriou a cesta e offereceu, insistentemente, umas bananas a uma collega que se formalisou e fez queixa ao marido, o qual foi direitinho á delegacia de policia dar parte do caso. O delegado prometteu ao Augusto Annibal trazer de olho a impertinente collareja.

Gabriella Montani, antes da Republica...

■ No Trianon anda tudo ás tontas por causa das vasantes. Ninguem quer a urucubaca da casa. O Arthur de Oliveira endireitou-se para o Viriatinho e berrou-lhe:

— Eu sou primeiro actor, está ouvindo? Aqui, e em toda a parte do mundo. Sou generico! Nos centros comicos, nos galãs comicos ou nos galãs dramaticos, sou um bicho! Se ha azar aqui... é seu! Foi a sua direcção que enterrou o theatro do Centenario, na praça Onze! Eu, sou dinheiro em caixa!

■ A semana passada foi de trabalho para os coveiros.. theatraes. A companhia Christiano de Souza sahiu do Rialto em estado grave e foi morrer no Parque do Centenario. Teve um enterrosito de segunda classe.

A morte de sensação, porém, foi a da Batalha da Chimera. Teve enterro de primeira classe, com urna de mogno, missa de corpo-presente e discurso á baixa do tumulo. Foi celebrante Frei Mefistofeles Renato Vianna. O acto foi pouco concorrido... por causa do tempo.

■ No Recreio houve, na semana passada, uma festa sympathica, em homenagem ás actrizes Ottilia Amorim e Antonia Denegri. De um camarote produziu um eloquente discurso, em turco, o intendente Vieira de Moura. Ninguem percebeu patavina, mas o Cardoso de Menezes incumbiu-se de fazer a traducção: tratava-se de elogiar a revista, "Meu bem, não chora". Está certo.

■ O Claudio de Souza, a proposito da festa de despedida de Lucinda Simões, deitou carta contra a S. B. A. T. (Sáe Bestealogico Apropósito de Tudo) e vae dahi, o Aarão Reis, vulgo o Cabelleira de Sansão, sahiu á liça com uma epistola pilherica e ironica, como só elle as sabe fazer, para pôr os pontos nos i i. Da carta se deprehende que já não ha mais socios condiccionaes e não ha tambem socios que tenham sido representados... Hoje a S. B. A. T. compõe-se apenas da directoria, que está á espera de ver representar as peças... que tem pregado. E Calino a rir...

ZE' FISCAL.

Antes do almoço, no palacio Itamaraty, offerecido pelo ministro do Exterior do Brasil, Sr. Felix Pacheco, ao ministro do Exterior da Argentina, Sr. Angelo Gallardo, por occasião da passagem de S. Ex. por esta capital.

BOAS FESTAS

"Para todos..." deseja a todas ás suas leitoras e leitores as melhores festas e fortuna e alegria no novo anno...

O Sr. Angelo Gallardo, depois de inaugurar o parque que a Argentina offereceu ás crianças brasileiras, ao lado do pavilhão da Republica irmã, na Exposição.

Senhorinhas Gallardo, na varanda do Itamaraty.

TERRA CARIOCA

Jardim Botanico da Lagôa

O decreto de 13 de Maio de 1808 determinou que fosse creada uma fabrica de polvora na Lagôa Rodrigo de Freitas, sendo installada no Antigo Oratorio que existia no local; João Gomes da Silveira Mendonça, — Marquez de Sabará, — seu director, que era dotado de um espirito de estheta, indo ao encontro dos desejos de D. João VI, mandou ali construir um jardim, não só para embellezar a situação, como tambem com o objectivo de iniciar um pequeno horto, onde as plantas exoticas encontrassem acclimação. De tal fórma foi o jardim feito, que despertava a attenção dos passeantes; muitos delles o visitavam, sendo acompanhados por um soldado da guarnição da fabrica de polvora.

O minusculo horto foi, propriamente, o ponto de partida para a creação de um jardim botanico com maior capacidade e mais utilidade. Em 1809, Luiz de Abreu, que era chefe de divisão, regressando de uma viagem á ilha de França, trouxe grande quantidade de sementes e plantas que foram distribuidas pela Junta do Commercio, sendo plantadas pelo tenente general Carlos Antonio Napion.

O franco desenvolvimento do jardim deu origem ao decreto de 11 de Maio de 1819, que autorisava a sua ampliação. Assim era o teor do referido decreto: "Tendo mandado estabelecer na fazenda da Lagôa Rodrigo de Freitas um jardim para plantas exoticas; sou servido que elle se augmente, destinando-se lugar proprio, o mais proximo que fôr possivel, para uma plantação de cravo e algumas outras arvores de especiaria; sendo directores João Severiano Maciel da Costa e João Gomes da Silveira Mendonça, a cujo cargo está o jardim que ahi se acha estabelecido. E ficará este novo estabelecimento annexo ao Museu Real para se fazerem pela folha dessa repartição as despezas necessarias, assim como a arrecadação do que em qualquer tempo possa produzir; do que se apresentará, nos tempos competentes, o devido balanço no meu real erario, pelos directores deste estabelecimento que hei por bem fique na inspecção do ministro e secretario de estado dos negocios relativos a este estabelecimento."

Monumento a D. João VI — Trabalho de R. Bernardelli.

Assignou o decreto Thomaz Antonio Villanova Portugal, que era ministro do reino e encarregado da presidencia do erario real.

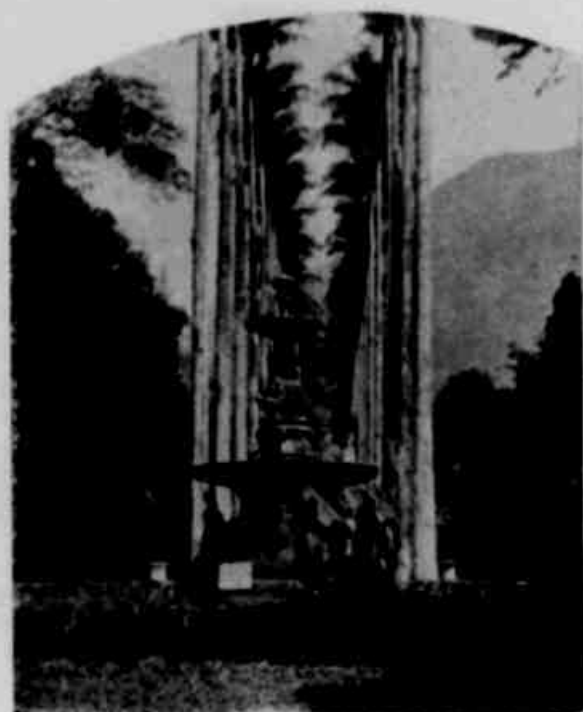
A 22 de Fevereiro de 1822 foi lavrado o decreto que aggregava o jardim á Secretaria de Estado dos negocios do reino.

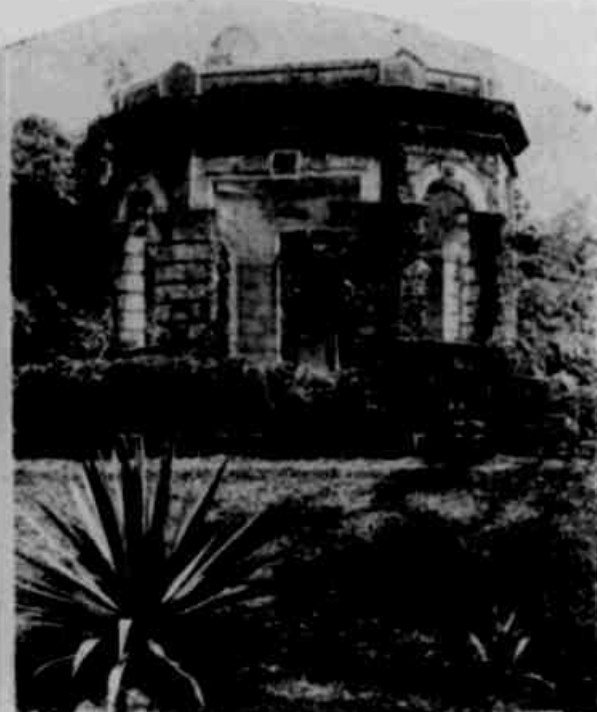
O Imperial Instituto Fluminense, creado por decreto de 30 de Junho de 1860, chamou a si a responsabilidade de zelar e melhorar o jardim, recebendo para esse fim, do governo, o subsidio annual de 24:000$000. O bello jardim está situado no sopé do altaneiro Corcovado, a sua vegetação entra pela montanha numa communhão que encanta. Vieira Fazenda, em uma das suas magnificas memorias, assim descreve a situação:

"No circulo de montanhas, que separado da bahia de Guanabara pelo contraforte do Corcovado, formando a ponta extrema da Copacabana, se estende até os Dois Irmãos, vem se abrir um valle, o mais pittoresco daquellas cercanias. Um regato travesso, descendo do massiço da Tijuca, desperta os écos com a sua garrulice e conserva á vegetação o viço e a frescura. Uma lagoa, ora communicando com o mar, ora fechada pelas areias, como as suas irmãs da costa, vem completar o quadro."

D. João VI foi um verdadeiro amigo do Jardim Botanico; não obstante os acontecimentos politicos da época, o velho monarcha, por lá apparecia de vez em quando, animando com palavras a administração. Para provar a dedicação que tinha por tão encantador sitio, resolveu plantar por suas proprias mãos, uma palmeira oriunda das Antilhas; e até hoje, o mais bello recanto do Rio de Janeiro conserva a esguia e lendaria palmeira, um verdadeiro symbolo historico, que liga o passado ao presente. O seu talhe esbelto e donairoso, corta a copa frondosa do arvoredo, entra pelo azul do céo, alterosa como uma exclamação da propria natureza! E' a "Palmeira Mater", a "Gloria da Montanha"; da sua semente nasceram todas as outras que pelo Brasil inteiro cantam um hymno perenne de belleza. Em frente á tradicional palmeira, um governo generoso ordenou que se collocasse um monumento em memoria ao seu semeador; no granito e no bronze, numa perfeita concretisação de belleza foi perpetuada a effigie de D. João VI. De Rodolpho Bernardelli é a magnifica obra. Outras obras de arte enriquecem os recantos do jardim;

Palma Mater

Portão colonial

Aléa de palmeiras — Entrada principal do Jardim

Estatuas feitas por mestre Valentim

Monumento a frei Leandro, trabalho de Benevenuto Berna

pouco adeante da "Gloria da Montanha", ergue-se o monumento a frei Leandro do Sacramento, executado por Benevenuto Berna, discipulo de Bernardelli.

Mestre Valentim, o grande artita do tempo dos Vice-reis, tem tambem obras suas enriquecendo o ambiente. Lá estão duas estatuas portadoras de uma ingenuidade que encanta; uma dellas possue uma condição valiosa: foi a primeira figura que se fundiu em ferro no Brasil; no corpo do pedestal existe uma inscripção mandada executar pelo Dr. Barbosa Rodrigues quando director do jardim: "Primeira — estatua — fundida — no Brasil — no Vice-reinado — de Luiz de Vasconcellos — em 1783.

Estatua feita — por — Valentim da Fonseca e Silva — natural — de Minas Geraes — conhecido — por — Mestre Valentim."

A' esquerda de quem entra existe um magnifico portico encastoado nas gamas polychromas da folhagem; o sol que entra pelo rendilhado das arvores, beija aqui e alli a massa architectonica, fazendo realçar a simplicidade das suas linhas.

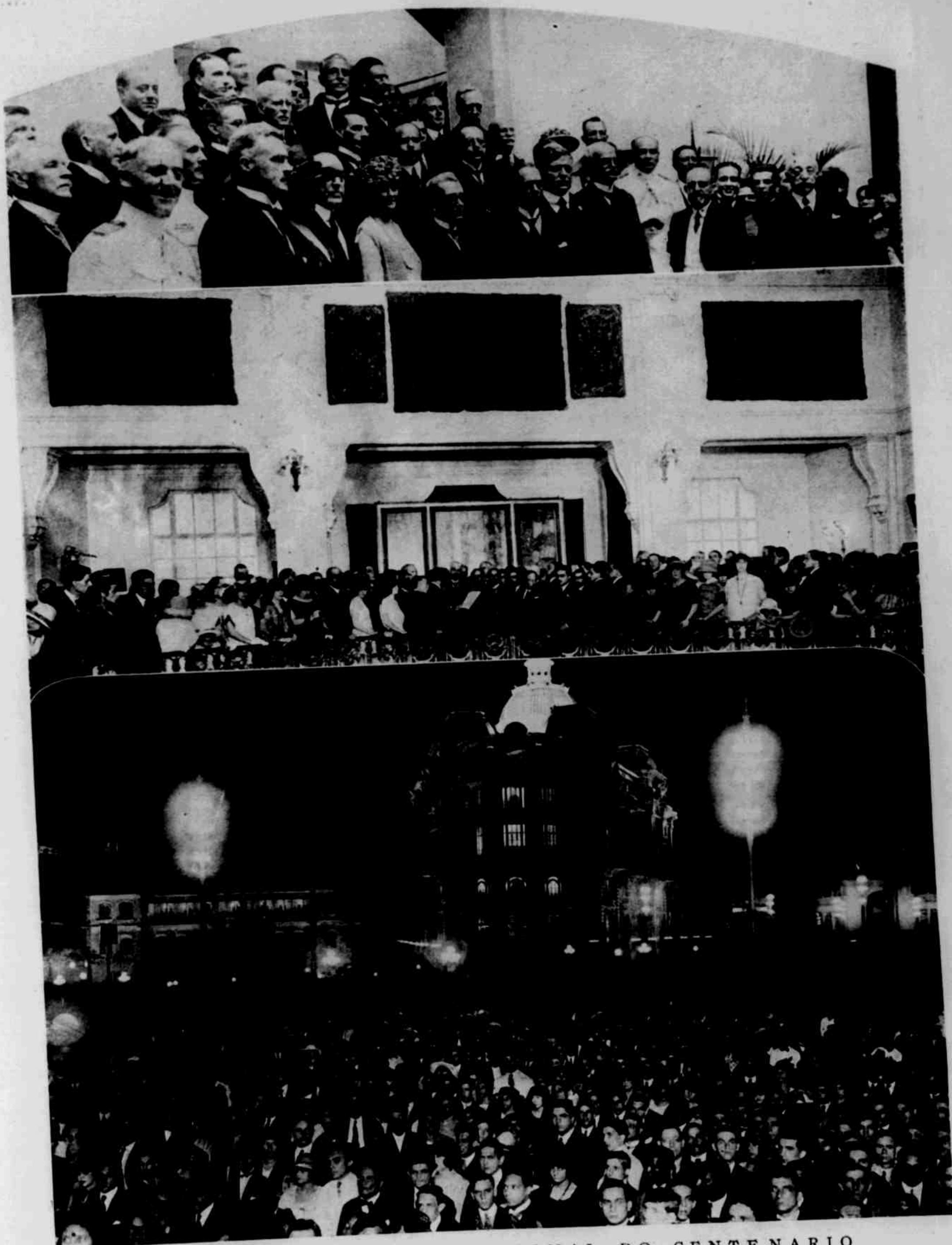
Outros melhoramentos modernos têm sido introduzidos no Jardim, pelas ultimas administrações; as raridades têm sido conservadas com carinho, apezar da defficienca das verbas destinadas a tão util fim. Dentre as especiarias existentes no Jardim Botanico, destacam-se as variadas qualidades de canna de assucar, as mandiocas, aipim, o fumo de Djbel, de Havana, o algodão, os craveiros da India, os cafeeiros de Moka, a camphora, a gomma elastica, as canelleiras, os cedros, as mangueiras e as jaqueiras; toda essa profusão de preciosidades espalhando-se pelos bosques, ensombra e perfuma o ambiente; os enormes caramancheis de bambús que se entrelaçam, lançando uma penumbra convidadiva ao repouso, contrastam com as esgalgadas palmeiras, plantadas por ordem de Bernardo José de Serpa Brandão, em substituição ás casuarinas, na aléa que parte do portão principal; corta a magnificencia d'aquelle "jardim suspenso", um chafariz de ferro fundido, obra moderna sem grande valor artistico. Pelas alamedas serpenteia o rio Macaco, caprichoso, alimentando as cascatas para depois desaguar na Lagôa Rodrigo de Freitas.

Existe no Jardim Botanico uma fabrica de chapéos imitação de Chile, manufacturados com a palha Bambonassa, uma palmeira oriunda do Perú; a fabrica foi creada em Abril de 1855, tendo por operarios os meninos pobres da Santa Casa da Misericordia. Houve ainda uma escola pratica onde se ensinava a creação do bicho da seda e a sua manipulação; um asylo agricola para o estudo da lavoura pratica, tambem existiu; mas, como tudo que é util, teve o fim das cousas inuteis...

Dezembro de 1922.

ERCOLE CREMONA

Os nossos irmãos os cães já têm um asylo no Brasil.

Instantaneo da hora da comida no Hospital dos Cães em São Paulo.

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Inauguração dos pavilhões Americano e Portuguez. — Assistencia á missa do gallo, na madrugada do dia de Natal.

Antes do banquete offerecido pela bancada federal, ao Sr. governador Godofredo Vianna, ao qual compareceram ministros de Estado e os presidentes do Senado e da Camara.

O VELHO THEATRO LYRICO TRANSFORMADO EM VASTA SAPATARIA

Os escriptores e artistas que organisaram para amanhã, á noite, no Theatro Lyrico, a Festa do Sapato, estão de parabens. Dos reveillons da noite de São Sylvestre nenhum terá o encanto desse.

O programma é maravilhoso. Nelle tomarão parte poetas e senhorinhas da alta sociedade carioca, entre os quaes Alvaro Moreyra, Olegario Mariano, Vera Chagas Leite, Guaraná e America Fontes. Luiz Peixoto fará caricaturas. Lucilia Simões dirá versos. Ottilia Amorim, Antonia Denegri e Pedro Dias dansarão. Alfredo Silva, José Loureiro e Augusto Annibal recitarão monologos. A ultima parte será o concurso da canção do proximo Carnaval disputado pelos principaes clubs e cordões do Rio. O espectaculo começará ás 11 horas em ponto.

Banquete das classes conservadoras, aos Srs. Sampaio Vidal, ministro da Fazenda, e Miguel Calmon, ministro da Agricultura.

As senhoras, senhorinhas e creanças que enviaram sapatos ao Theatro Lyrico (já em numero de 3.274) receberão valiosos brindes, offertas do Parc Royal, Perfumaria Avenida, A Voga, Sociedade Anonyma O Malho, *Jor*nal do Brasil, *Perfumaria Paulino Gomes, O Pavilhão, Casa Confucio, Bazar Rio Branco, A Capital, Bhering & Cia., etc., etc., etc.*

Os premios aos vencedores da canção carnavalesca são duas ricas e bellas taças de prata.

Baile no Club Naval, na vespera do dia 25

NO CURSO DE DECLAMAÇÃO ANGELA VARGAS

A senhora Angela Vargas Barbosa Vianna, illustre artista que todo o Rio admira, realisou, sabbado passado, ás 4 horas, na sua bella residencia da praia de Botafogo, a ultima hora de primavera deste anno. Rodrigo Octavio Filho disse, em palavras de ternura e admiração, da vida e da obra de Mario Pederneiras, o poeta da cidade, mestre suave da geração actual de poetas cariocas.

As senhorinhas Eddla Costa Lima. Ruth Magalhães, Mimi Harens, Markan Dias, Alemparte França, Marianna Salles e Dail Monteiro representaram, vestidas

A ULTIMA TARDE DE PRIMAVERA

á caracter, as principaes scenas do "Flibustier", de Richepin, de "Horace", de Corneile, e da "Princesse Lointaine", de Edmond Rostand.

A senhora Angela Vargas B. Vianna declamou "L'Epave", de François Coppée, e foi depois representado o "Barbier de Séville", de Beaumarchais, pelas senhorinhas Maria Sobreira de Albuquerque, Beatriz Chermont e Werneck Dickens. O Sr. Lambert Ribeiro e a Sra. Kiola Correia de Araujo, discipula de D. Leontina Kuess, encarregaram-se da parte musical, muito applaudida como todo o programma.

No jardim da senhora Angela Vargas. Grupo no gabinete de trabalho. Scenas do *Cid* e da *Princesse Lointaine*. A senhora Angela Vargas e Rodrigo Octavio Filho.

A MUSICA

CANÇÃO DE UMA FONTE DOENTE

Clof, clop, cloch,
Cloffette,
Cloppétte,
Clocchette!...
Chchchchch...

Aldo Palazzeschi.

De manhã cedo, a Musica chega! E toda de fitas e de seda:

— Bom dia, que ar triste é esse? Que quarto frio! O sol lá fóra está tão quente...

E me olha suavemente e entreabre o cortinado com seus dedos de velludo.

Depois, o quadro claro da janella, fica escuro; vem a tarde côr de opala, e a alma da noite, a alma da lua e das estrellas, brilha nas ruas e alamedas. E de noite ella parte...

— Meu amigo, eu parto... O piano fica mudo, e um pouco do seu vulto fica commigo como uma essencia a perfumar meu quarto.

Tudo de novo fica quieto e escuro... Eu escuto na rua o seu passo, um sussurro... E' o relogio da alcova, parece um soluço!...

CANDIDO DINAMARCO.

Senhorinha Maria Antonietta Penafiel

"VICTORIA REGIA"

O Sr. Francisco Galvão publicou um livro que, embora desegual, tem coisas interessantes. Principalmente porque revela um poeta, um verdadeiro poeta. E depois porque em "Victoria Regia", o Sr. Galvão promette libertar-se desse ecletismo literario que caracterisa a personalidade em formação ou — o que não succede no caso presente — a falta absoluta de personalidade.

INAUGURAÇÃO DA GARAGE SANTA ISABEL

Fachada principal, á rua Visconde de Santa Isabel, 72, engalanada, no dia em que iniciou os seus serviços.

O Sr. Angelo Quaresma, proprietario da Garage Santa Isabel, cercado de amigos e auxiliares, por occasião da inauguração da garage. Entre outras pessoas gradas, vêem-se no grupo os Srs. Drs. Jansen Müller, João G. Couto, Eduardo F. Hermes, João M. F. Silveira e Lincoln Lavor.

Footingações

Sobre o rumor verde da rua,
a tarde estende, no alto, como
na ingenuidade de algum chromo,
a bola ingenua e alva da lua.

A tarde estende a lua no alto...
E alguem estende a sua grande
melancolia que se expande
no espelho cinza e azul do asphalto.

Melancolia sem remedio
que se dispersa e vae e vem
sem expressão, sem alma, sem
nada de dôr, nada de tedio.

Uma fumaça... um nada quasi...
O éco que se perdeu pelo ar,
muito mais leve que o luar,
de um pensamento numa phrase...

Mas ha, na rua, toda a vida
dos dias claros e serenos:
gente de mais, gente de menos,
gente que vae, vem da Avenida...

Toilettes *claras, excessivos*
chapéos altissimos que lembram
azas que um dia se desmembram
do corpo de seus donos vivos.

Passam gritando em fatos ricos,
inexpressivos e banaes,
todas as aves nacionaes,
cambachilras e tico-ticos...

Mas dona Simples passa agora
só em seu corpo esculptural
toda vestida de alma, qual
si a alma pudesse andar por fóra...

Porque a alma é o corpo pelo avesso...
E os que andam nús, andam vestidos
de alma, de nervos, de sentidos,
roupas de exhorbitante preço...

Don Hermes Fontes se desprega
os braços rapidos e finos
para brincar com outros meninos
de "Gavião", de "Cabra-Céga".

"E' tempo!" diz Alberto... E Hasslocher
diz: "Passa, passa, Gavião!..."
Passam Roberto e Raul Brandão...
Longe, Azeredo joga pocker...

Longe, Bielo, Vera e Ruth
brincam de roda e cambalhotas...
tão graciosas, tão pequitotas,
vieram da ilha de Lilliput...

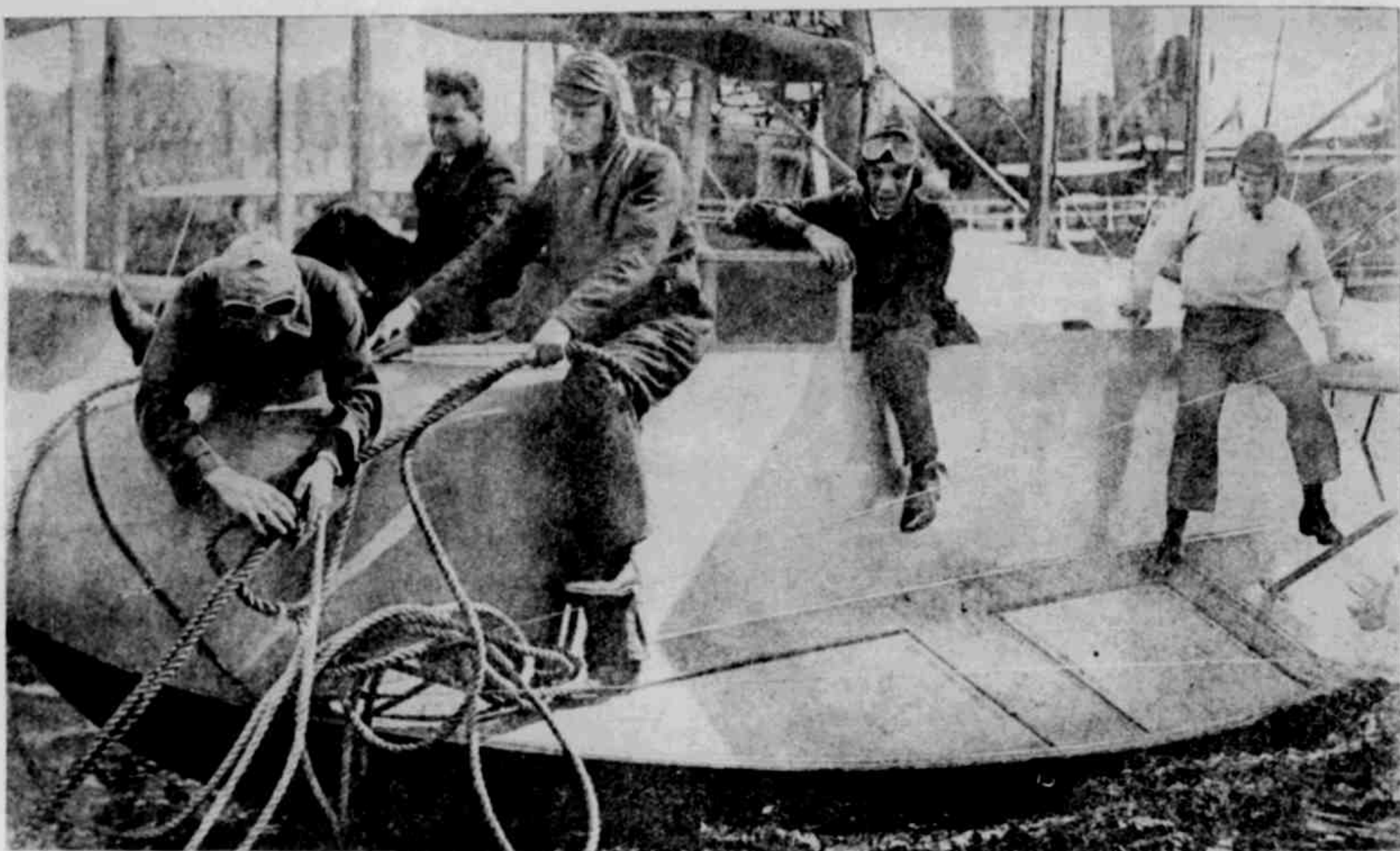
Longe é — diz Ronald — que tremula
um clarão de fogueiras... São
batatas doces... S. João...
e o, de sete cabeças, mula...

Ciranda, cirandinha, vamos,
sim, vamos todos cirandar —
ou na Avenida ou no Alvear
com Yedda, Alice, Ruth Ramos...

E a tarde brinca no alto, como
a creançada pela rua,
com a bola ingenua e alva da lua,
simples e moça, de algum chromo...

On.

UM "BLUFF" NO "BUFFET"

— Acabei de tomar uma illusão congelada.
— Que negocio é esse?
— E' sorvete de morango sem morango.

Martins e Hinton, os dois aviadores que já estão proximos da nossa cidade, quasi no termo do "raid" Nova York - Rio de Janeiro. Photographia feita quando se preparavam para o vôo inicial

P A L A V R A S . . .

Ha uma volupia maior que a volupia de possuir — é a volupia de pensar que se poude possuir.

Certos sons, certos ruidos fazem parte do silencio: o rumor da chuva, na noite... a cantiga das aguas, ao luar... o latido de um cão, na bruma... um farrapo de Beethoven, numa saudade...

DE UM CÃO — *Por que não riem os homens quando estão sózinhos deante dos espelhos?*

Ninguem entende o que se escreve...

DEABREU

DURAÇÃO DOS FATOS DE SPORT

O uso dos fatos de sport tem adquirido uma tal estabilidade que, segundo os fabricantes, os esforços dos que fazem as fazendas em peças têm que ter por fim crear materiaes que sejam não sómente originaes nos desenhos e côres, mas que possuam tambem propriedades de duração. Isto é applicavel especialmente aos tecidos que usam os fabricantes de fatos, assim como os algibes. Estes ultimos têm-se dedicado recentemente a produzir fatos não só de um estylo elegante, mas tambem de fazendas duraveis. A contextura de duas camadas de filaça dura não é nada extraordinario agora neste ramo

No ultimo concurso de tiro realisado pelo Tiro de Imprensa

Pequenos Poemas

CHUVA...

A chuva canta. Que tristeza immensa
num rio tenue de agua se condensa!

E as fontes choram no jardim, lá fóra.
Por que a agua sempre, quando canta,
[chora?

Si ella estivesse aqui... Si ella viesse
escutar o seu nome
que nos meus labios toma a forma de
[uma prece...

Si ella soubesse quanto me consome
a sua ausencia, que é uma tarde fria,
ella de certo voltaria...
E si ella aqui voltasse,
eu não diria que essa chuva é pranto
nem que esse pranto me põe sombras pela
[face...

Porque si ella voltasse eu cantaria tanto
que essas gottas de chuva cessariam
e as fontes no jardim se calariam
para ouvir a alegria do meu canto!

ONESTALDO PENNAFORTE.

UMA CANÇÃO TRISTE

A paisagem que eu mais amo é toda
[pequena:
ella é mais verde e mais brilhante que uma
[bolha
de agua sobre uma folha.
E' um canto de terra morena,
com tres arvores grandes e um céo largo
olhando num pedaço parado de lago.

E' ali que o meu pensamento inquieto
[descança.

Quando o meu nome fôr apenas a lem-
[brança
de um beijo na tua bocca que treme,
é ali que eu quero que tu venhas esque-
[cer-me

todas as tardes. E, quando passar o vento
e arderem as estrellas, escuta um momento
as folhas, e olha um instante a agua quieta
do lago: — e pensa então que estás ou-
[vindo e vendo,
na vóz da brisa esperta,
as palavras amorosas que eu nunca disse;
e, na sombra dos astros sobre a superficie,
os olhares que eram
para os teus olhos, mas que os meus nunca
[tiveram...

GUILHERME DE ALMEIDA.

NO SILENCIO

Olho o céo nesta noite de anciedade...
Por que foi que nasci tão triste assim?
A lua é para mim flôr de saudade
despetalando-se em luar no meu jardim...

DO INVERNO

Vendo os galhos das arvores despidas,
penso naquellas vidas
dos passaros cantores...
os galhos são mãos postas nos caminhos
pedindo a Deus pelo sonhar dos ninhos
e pela alma boissima das flôres...

LAURA MENDES.

PERFUME

Para Onestaldo Pennafort.

Sómente o teu perfume,
Durante a noite silenciosa,
ficou vagando no salão.

Na suave alcova côr de rosa,
ebrio de amor e de ciume,
apunhalei meu coração...

Desse teu corpo, bohemio, de andorinha
ficou para o lembrar
o teu perfume penetrante e singular;

Na noite dolorosamente triste,
é um desespero o meu queixume,
pela amargura em que partiste...

Na suave alcova côr de rosa
esvoaça o teu perfume
como um desejo, pela noite silenciosa.

FRANCISCO GALVÃO.

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

Outros virão... Outros terão nos seus
[ouvidos
a caricia subtil de cada verso brando
e, sem comprehender, passarão distrahidos.
Mas, que te importa? vai dizendo, vai
[contando
a dôr sentimental dos romances perdidos,
da mocidade inquieta e de uma espera
[inutil...
Vês? Este passa... Este outro passa...
[Aquelle passa...
Apressados, alguns vão exclamando:
["Futil!"
Deixa que passem... Ha de haver alguns
[ouvidos
que, por momentos, ficarão enternecidos.
no teu jardim de confidencias... Conta e
[passa

RIBEIRO COUTO.

NUMA ONDA DE PERFUME

Basta que eu sinta este aroma
que ora baila pelo espaço,
logo o teu semblante assoma,
logo penso que em meu braço,
como num tempo afastado,
tenho o teu braço enlaçado...

Mas, o aroma é leve e passa,
ligeiro, na aza do vento,
teu semblante se adelgaça,
fica apenas pensamento,
fica uma névoa esgarçada,
fica saudade, mais nada...

CASTRO LIMA.

N' "A CASA DO TALENTO", COMEDIA MACK SENNETT

...ETT, APPARECE UM GRUPO TENTADOR DE "GIRLS"...

Cinema Para todos...

Chronica

Texas sobre o cinema

SOLICITOU-NOS um dos mais prestigiosos exhibidores da Avenida que algo dissessemos sobre as taxas que se projectam contra os exploradores do espectaculos cinematographicos por parte dos dous fiscos — o federal e o municipal. Pelos jornaes, em largos sueltos, commentarios copiosos, appareceram protestos contra esses augmentos, protestos que chegam a annunciar aos povos que inevitavelmente, essas casas em que elles se vão deliciar por uma ou mais horas ao dia se fecharão se os nossos lycurgos da Cadeia Velha (hoje Bibliotheca Nacional) e do Conselho Municipal (ainda Lyceu de Artes e Officios) persistirem em levar seus proprietarios ao desespero, á ruina, ao suicidio.

Não nos impressiona demasiado essa grita. Se o governo crear uma taxa de tostão por entrada, esse tostão não sahirá, estamos certos, do bolso do proprietario, pois que, apanhando esse magnifico pretexto, as entradas serão elevadas de mais quinhentos réis.

E, dessa sorte, como em todos os outros ramos de commercio ou industria, contribuirá o fisco para o enriquecimento do intermediario, pagando o pato a eterna victima, que é o publico.

Por essas e outras muitas razões não juntamos a nossa voz, desautorisadissima aliás, a esse côro ameaçador; decerto, não afinariamos.

Que os nossos reduzidissimos salões (ou saletas) de exhibição já não podem persistir, não estão á altura de nossa capital, já o temos dito e não nos cansamos de repetir, varias vezes.

A prova mais convincente disso é que, depois de negarem importancia aos grandes cinemas da rua da Carioca, reformados, restaurados, ampliados, melhorados, chegaram os donos dos da Avenida á convicção de não lhes poderem fazer concurrencia, permittindo que os programmas daquella rua fossem os mesmos que os da grande arteria.

O Sr. Serrador, que é, incontestavelmente, dos mais atilados dentre os exhibidores, é hoje quem explora o Iris, e elle poderá dizer se dos seus amplos salões não aufere mais lucros que das exiguas saletas do Odeon.

Se todos os cinemas da Avenida tivessem as proporções dos daquella rua, não se amedrontariam os exhibidores com as ameaças do fisco.

Fartos lhes seriam os lucros e compensadores de quaesquer sacrificios feitos para bem servir ao publico, dando-lhes programmas excellentes a preço modico, com orchestra de verdade, e conforto senão luxo.

A grita portanto nos não assusta pela ameaça do fechamento das portas.

Dobradas fossem as ameaças e ellas se conservariam bem abertas.

Os clamores trazem agua no bico.

Vão ver que mais uma vez acertaremos e os preços especialissimos *serão os normaes como já aconteceu aos* especiaes.

Nessas cousas o commercio sabe sempre como se desapertar. E' sempre para a esquerda.

O diabo é que essa esquerda constitue-a sempre o publico pagante do qual fazemos parte.

E é por isso que não juntamos o nosso protesto á grita dos interessados, que é o preludio dos augmentos.

Ora esperemos alguns dias.

OPERADOR

✣ ✣ ✣

O tenente Lais Lithander, artista sueco, trabalha com Gloria Swanson no film *The Impossible Mrs. Bellend*. O tenente Lithander serviu no exercito sueco e é o campeão do salto a cavallo.

✣ ✣ ✣

DIANA ALLEN sob direcção de Malcolm Strauss vae fazer uma nova versão de *Salomé*.

✣ ✣ ✣

O violinista dos mendigos, O vulcão em repouso e *A estrella negra* são os tres ultimos films de Hans Mierendorff para a Lucifer Film.

✣ ✣ ✣

MILDRED JUNE, uma das famosas banhistas da *troupe* de Mack Sennett, está noiva de um rico medico de Pasadena, Dr. Edwards Capps.

✣ ✣ ✣

A NOSSA CAPA

FRANK MAYO é das principaes figuras masculinas do elenco da Universal. Natural de New York com 37 annos de idade, 1m,80 de altura, côr da tez clara, cabellos castanhos alourados e olhos castanhos. Casado com Dagmar Godowsky, tambem artista. Direcção: Universal City, Calif.

✣

No proximo numero: PEARL WHITE.

O general francez Tenfflieb e sua esposa em visita aos "studios" de Mary Pickford-Fairbanks.

Um fructo pouco commum: Mary Mc Avoy, laranja da California

BIOGRAPHIA DE THEODORE ROBERTS

O actor comico e veterano, Theodoro Roberts, nasceu em São Francisco, California, cerca de cincoenta annos passados. Elle se estreiou no palco quando joven e desde então, até aos nosso dias, tem sido um artista favorito do publico.

No inicio de sua carreira, elle nos conta, até mesmo com uma certa saudade, Theodore Roberts soffreu muito, porém teve tambem as suas alegrias e suas aventuras trabalhando quasi que exclusivamente na Broadway. Como o mais popular dos actores comicos do palco, foi induzido a abraçar a carreira do cinematographo. A sua estréa e a sua carreira cinematographica são devidas á insistencia de Cecil B. de Mille. Antes do Sr. de Mille se ter tornado um dos directores de scena da Paramount, elle escreveu e levou em scena muitos dramas e, tendo encontrado Theodore Roberts em negocio, os dois, desde logo, ficaram camaradas e amigos. Com a persuasão de De Mille e sob a sua direcção, Theodore Roberts fez a sua estréa no cinematographo. O Sr. Roberts foi um dos primeiros artistas dos studios Laski, sendo apontado como um dos mais antigos artistas da Companhia.

As fitas em que tem tomado parte não poderiam, por certo, serem aqui enumeradas, pois formariam uma lista interminavel. Entre as mais populares e mais recentes, notamos: "Old Wives for New", "Male and Female", "Everywoman", "Forbidden Fruit", "Something to Think About", "The Love Special", "The Affairs of Anatol", "Miss Lulu Bett", "Saturday Night", "Judy of Rogues Harbor" e "The Furnace". As duas ultimas são fitas da Realart.

A pedido do publico, o Sr. Roberts vae tomar parte na já annunciada fita Paramount "The Old Homestead" e, com todas as probabilidades, será um dos melhores papeis que Theodore Roberts tem jámais tido.

WYNDHAM STANDING, em sua recente viagem á Russia, teve necessidade de varios extras para figurar em scenas de um film em preparo. Varios appareceram. Em uma das scenas devia o artista ser atacado por um bando de malfeitores e bater-se com elles. Os *extras* russos tomaram a coisa tão ao sério que applicaram uma surra formidavel no artista americano, quebrando-lhe dois dentes e avariando-lhe sériamente a physionomia. E dizer-se que elle ainda teve de pagar essa pancadaria!

***

Conrad Nagel nasceu em Keokuka, Iowa, em 1897. Aos 17 annos, bacharelou-se no Collegio de Des Monies.

O MEU PEOR EMPREGO E COMO CONSEGUI UM MELHOR, por WANDA WARLEY.

A minha primeira occupação profissional foi a de dar concertos de piano.

A segunda a de posar para a camara do cinematographo.

Estas duas profissões têm sido um constante encanto para mim.

Em minha meninice eu tive um "emprego": entretanto, porque votava uma aversão continua e procurava evital-o toda vez que podia. E a minha dedicação ao estudo de minha primeira profissão vinha em meu auxilio. O trabalho que eu odiava e que todas as mulheres detestam, era o de lavar a louça de casa!

Quando eu era apenas uma creança, minha mãe me deu o "emprego" de lavar a louça de nossa casa. Porém eu punha em execução a minha estrategia e quando ella me procurava eu estava sentada ao piano, estudando com todo afinco e attenção, os meus exercicios de canto e piano. Minha mãe se approximava, me olhava e por certo que tinha pena de me tirar daquelle estudo applicado, em que eu punha todo o meu enthusiasmo, mormente naquelles instantes em que ella entrava para a sala onde eu estudava. Ella queria que a minha habilidade em tocar piano e cantar fossem uma das minhas prendas! De forma que não raro ella me dispensava do trabalho que eu detestava. Eu não fazia conta de me occupar de outros serviços, como limpar a mobilia, arrumar a mesa para as refeições, ou ainda dar ordem á casa. Entretanto, quando chegava a hora de lavar a louça, eu estava em apuros, estudando e machinando o que fazer, de util, para que minha mãe me dispensasse do trabalho enfadonho de lavar louça!

E agora, repito com o philosopho: muitas vezes um desagrado traz encondida em si uma felicidade. O meu exito, em certo trabalho, foi em grande parte devido á minha assiduidade ao estudo de piano e ao cultivo de minha voz, na hora de lavar a louça, que eu odiava.

A INDUSTRIA DO CINEMATOGRAPHO.

A industria do cinematographo é a maior industria para o caldeamento das outras...

Campo inteiramente novo, a producção industrial de fitas cinematographicas attrahiu desde o seu inicio homens e mulheres de todos os ramos de actividade.

Naturalmente os artistas do palco estavam sempre na vanguarda, porém entre as grandes figuras do cinema encontramos nomes como Sam Wood, por exemplo, antigamente corrector de immoveis; Paul Powell, ex-editor do "Los Angeles Express"; George Fitzmaurice, antigo commerciante na India, e Penrhyn Sttanlaws, pintor e desenhista de illustrações. E estes são apenas alguns dos mais conhecidos directores de scena.

Entre os artistas encontramos Milton Sills, outr'óra dando prelecções sobre philosophia, tendo estudado mais tarde a arte do theatro; Wallace Reid, ex-editor da revista "Motor"; Wanda Hawley, May McAvoy e Lois Wilson, abandonando o professorado publico pela tela; Betty Compson, violinista de orchestra.

Um dos casos mais singulares encontramos em Arthur Miller, agora o photographo de "To Have and To Hold", nova producção de George Fitzmaurice para a Paramount, em que tomam parte Betty Compson, Bert Lytell e Theodore Kosloff. Miller era um "jockey" de mão cheia. Elle ganhou o campeonato de Brooklyn, em Belmont, em Agosto de 1907, cavalgando "Superman". Entretanto, com o advento do cinematographo Miller abandonou a sua profissão e descobrindo as possibilidades do cinematographo, conseguiu ahi um logar, onde, á força de estudo e trabalho assiduos, elle se tornou um dos "leaders" da industria.

Sem duvida alguma o cinematographo é a maior industria onde as outras se vêm caldear...

◇

ELSIE FERGUSON já começou a trabalhar em "The Outcast", para a Paramount.

JOHNNY JONES, das comedias Booth Tarkington (Goldwyn) aprendendo a "bancar" o indio

Sim ou não

(YES OR NO)

Film do First National — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Minnie Berry	Norma Talmadge.
Margaret Vane	
Donald Vane	Frederick Burton.
Paul Derreck	Lowell Sherman.
Dr. Malloy	Lionel Adams.
Jack Berry	Rockliffe Fellowes.
Ted Leach	Gladden James.
Emma Martin	Natalie Talmadge.
Tom Martin	Edward S. Brophy.
Horace Hooker	Dudley Clements.

OPINIÕES DA CRITICA

Excellente diversão. — *Moving Picture World.*

Vehiculo ideal para a demonstração das excellentes qualidades dramaticas de Miss Norma Talmadge, que contribuirá para augmentar sua fama e popularidade. — *Motion Picture News.*

Excellente producção cujo valor hão de sentir os exhibidores. — *Exhibitor's Trade Review.*

—

É tão mysterioso e insondavel o destino, que pouca differença faz, quando se chega a uma encruzilhada da vida, tomar por esta ou por aquella estrada; porque o resultado será o mesmo. Isso é que dizem as philosophias. Ha casos, porém, como os de Margaret Vane e Minnie Berry, que contrariam esse fatalismo desalentador. Margaret era um desses typos de mulher para quem a vida se resume no dinheiro ou naquillo que o dinheiro póde comprar: bailes e chás, homens e a admiração dos homens e a ociosidade. Ella não conhecia da vida outros aspectos, tinha horror ás côres tristes da existencia. Era esta a creatura que Donald Vane escolhera para mulher e — o que era peor — amava com a veneração de um espirito sonhador como o seu. Por isso achava elle perfeitamente rasoavel que sua esposa dormisse metade do dia, dansasse metade da noite, *flirtasse* as poucas horas que passava acordada e adornasse a sua linda pessoa com o que a industria do luxo possue de sumptuoso, sem ao menos se dar ao incommodo de pensar que os seus caprichos e extravagancias custavam um trabalho ininterrupto, exhaustivo, dia e noite, do marido que se desdobrava para satisfazer os seus menores desejos. O medico já lhe havia dito que elle excedera os limites que uma creatura humana póde exigir da sua capacidade de resistencia. Mas que valia isso deante da vontade da mulher que Donald Vane amava? E o interessante é que Margaret, na sua inconsciencia, parecia não comprehender a verdade daquella tragedia tremenda e se lastimava de ser uma "esposa desprezada", cujo marido só dava attenção ao trabalho, não passando afinal "de uma machina desprovida de sensibilidade". Nem mesmo ella suspeitou, quando Vane morreu, que foi justamente a sua grande sensibilidade que o matára. A morte de Donald seguiu-se immediatamente ao grande baile dado por Magaret, que desejava para aquella festa um fulgor inexcedivel. Nessa noite, Donald telephonou á ultima hora excusando-se da sua ausencia; retinha-o no escriptorio um negocio de muita urgencia. Margaret explodiu, dizendo-lhe pelo fio todas as palavras asperas que a sua pretendida humilhação de mulher desprezada lhe suggeriu. A verdade é que naquelle dia Donald recebera mais um aviso do seu medico; que tomasse cuidado, evitasse aborrecimentos, repousasse! Resolvera, portanto, não estar presente á festa, mas a zanga da esposa causou-lhe mais perturbação do que uma duzia de saráos. Foi durante essa festa que o negocio com Paul Derreck tomou feição séria. Cortejador obstinado de Margaret, Derreck achou-se junto

... achava natural que sua esposa dansasse, "flirtasse"...

della no momento em que o despeito a lançava em estado de grande exaltação e não foi difficil derramar o balsamo de palavras suaves e carinhosas na alma daquella mulher que se julgava o objecto do abandono do marido. Accenou-lhe com a ventura de um amor socilito e desvelado, de uma felicidade sem nuvens, si ella quizesse partir com elle. Margaret, acostumada a realisar todos os seus desejos, respondeu-lhe "Sim", e naquella mesma noite declarou ao marido que não podia supportar mais o abandono em que vivia. "Tu não me aprecias, não me comprehendes e eu me vou com Paul", disse-lhe ella. E naquella mesma noite tambem Donald morreu.

que nunca conhecera um intervallo na sua vida de labor insano, nas suas preoccupações de espirito, nos seus desapontamentos. A principio era um nada; sentia apenas prazer no ar jovial com que Ted entrava em casa, contando cousas da rua. Mas, sem que ella se apercebesse, o seu interesse foi crescendo, e requintava nos seus cuidados de *menagère* pelo conforto do hospede, que, por sua vez, lhe demonstrava a mais solicita e amavel das attenções, trazendo-lhe *bonbons*, flores, interessando-se pela sua palestra, cousas a que ella já estava desacostumada, pois nem mesmo Jack se lembrava de adoçar-lhe a existencia com esses pequeninos nadas que tanto encanto trazem á vida affectiva. Ted era como que uma facha de luz nos dias tristes da sua vida. Quando Minnie sentiu a forte evidencia dessa situação, teve consciencia do perigo. Mas talvez já fosse tarde. Fazia seis mezes que Ted era seu hospede, quando a tentação teve o seu desenlace. Tudo no lar corria mal. Como si não bastassem as agruras

... no ar jovial com que Ted entrava em casa contando cousas da rua.

Minnie Berry era igualmente um typo commum de mulher, pelo menos na apparencia.

Especie de marinheiro rude, sempre vigilante á manobra, chovesse, fizesse sol ou soprasse o vento, ella enfrentava a vida sempre corajosamente. E a sua vida desde que tivera consciencia das cousas, fôra mais ou menos a mesma: trabalho, muito trabalho. Ajudara a mãe a criar os seus irmãos, cuidára do pae quando esta morreu, e, quando veiu Jack Berry, continuou no lar que ambos fundaram a mesma existencia de labor humilde para vencer as difficuldades da pobreza.

As contigencias da vida não conseguem suffocar as aspirações e os sonhos da alma humana. Por maior que fosse a resignação, por mais solido que fosse o fundo moral de Minnie, sua mocidade haveria de clamar pelo sol, pelo ar das alturas, que tão bem lhe pareciam encarnar-se em Ted Leach, *chauffeur* de profissão, amigo de Jack, e pensionista em casa delles. A vida mais ou menos folgada de Ted exercia particular attracção sobre Minnie, das maiores privações, Minnie via o seu filho doente sem ter dinheiro para pagar ao medico. Ella propria, esgotada,

E desanimava vendo seu marido trabalhar...

— *Não! Não! repetia ella...*

sacrificava uma porção da sua vida para fazer da existencia della um jardim de delicias. Margaret já quasi não dispunha de recursos para viver e faltava-lhe a tempera para enfrentar a adversidade. Havia um anno que Donald morrera. Margaret achou que era tempo de resolver a sua situação com Derrek. Paulo interpellado por ella sobre o que pretendia fazer, quaes eram, afinal, as suas intenções, respondeu:

Não ha nada que pensar, Margaret. Não pretendo fazer nada. Realmente, agora, porque iria eu fazer *qualquer coisa?"*

Os jornaes deram varias versões da tragedia, mas a verdade do caso foi simplesmente que Margaret, presa de grande exaltação de nervos, apanhou um revólver e ameaçou Derrek de matal-o, si elle se recusasse a reparar a sua situação.

Paulo, com o seu invariavel desprezo pelo melodrama, tomou-lhe a arma e, depois, entregando-lh'a de novo, disse-lhe que ella se matasse, si estava com vontade de matar alguem. E ella assim o fez.

Um anno havia corrido tambem para Minnie Berry, desde o dia em que ella

(Termina no fim da revista)

sentia-se enferma, e desanimava vendo o seu marido trabalhar estupidamente, interminavelmente, num invento que nunca chegava a resultado. Foi num desses dias de desespero que Ted lhe confessou o seu amor. Amára-a desde o primeiro instante e não supportaria mais assistir á vida que ella levava, sacrificando-se sem nenhum proveito. Tinha capacidade para ganhar dinheiro, dar-lhe-ia tudo que ella desejasse, dias risonhos, uma existencia feliz. Ella descançaria, teria livros e tempo para lel-os, passeios de automovel. Era preciso que elle lhe dissesse... ella seria delle... E com os olhos chammejantes de desejo, a voz tremula, Ted avançou para Minnie, tomou-a nos braços. A rapariga sentiu-se abalada por grande agitação, mas no seu espirito surgiu a imagem dos filhos, de Jack trabalhando corajosamente e cheio de esperança. Então ella disse: "Não", tentando repellir o contacto do homem, soltar-se dos seus braços.

"Não! Não!" repetia ella quando Jack entrou, acalmando os ardores de Ted, segundo a formula applicavel em casos taes.

Havia um anno que Margaret Vane enviuvára. Fôra viver na sua casa de campo, onde tinha occasião de verificar que não eram propriamente as suas virtudes pessoaes e sociaes que outr'ora lhe enchiam a casa de amigos e commensaes. Vivia para ali só e isolada. Paulo não a havia desposado. Por algum tempo, após a morte de Donald, elle lhe protestára o mais ardente amor, no emtanto, quando ella lhe falara em casamento, o amante achou a principio, que ainda era muito cedo e, depois, acabou por evitar o assumpto. Margaret comprehendeu o irremediavel. Veiu-lhe, então, a lembrança de Donald, e ella sentiu o pungente remorso da crueldade com que tratára aquelle homem que cada dia

Accenou-lhe com a ventura de um amor terno e desvelado...

A VERDADE

(LA VERITE')

Film da Societé Francaise des films artistiques

DISTRIBUIÇÃO

Colette Fonclare . .	Emmy Lynn
Pascal Fonclare . .	Maurice Renaud
Irene Swift	Violette Gyl
Daniel Swift	M. Polack
Phelippe Fonclare .	Olivier.

Viviam de annos áquella parte,, entregues a uma infinita ventura, ao amor forte que os unira, Pascal Fonclare, de uma velha familia, de brilhantes tradições, Colette, uma encantadora creaturinha, que era todo o seu enlevo, a fada de um lar continuamente em festa e de onde a felicidade, parecia, jámais desertaria.

Colette tornara-o pae de tres petizes fortes e lindos, cujo nascimento ainda mais viera apertar os laços que ligavam os esposos namorados.

Pascal era socio de seu irmão Philippe, celibatario de vida simples e rude, em plena saude physica e moral, e um dos homens de real prestigio naquella terra de gente sã e boa.

Fugindo á agitação da grande capital, procurando repouso e calma, esquecendo, por algum tempo, os seus negocios vultuosos, resolveu Daniel Swift fazer uma estação de repouso no campo, em companhia de sua esposa, a formosa Irene, muitos annos mais moça do que elle.

Amigo intimo de Philippe, amigo dos bons e dos máos dias, foi Daniel recebido com alegria pelos Fonclare, installando-se num castello proximo ao delles, revolucionando, dentro em pouco, a calma vida daquelles sitios, com ruidosas, recepções, de uma elegancia ultra-parisiense.

Pascal, desde logo, deixou-se prender pela belleza irresistivel de Irene, que parecia lisongeada com a côrte assidua que lhe fazia o jovem provinciano.

A convite de Daniel Swift, o casal Fonclare acompanhou-o a Paris, onde estabeleceram residencia commum, apertando-se ainda mais os laços de amizade que os ligavam.

Com a protecção de Daniel, Pascal viu a sua fortuna, dentro em pouco, crescer, graças á applicação que o grande homem de negocios deu aos capitaes de que elle podia dispôr.

Emquanto isso, a grande paixão que Irene lhe despertára crescia, sem que ella, no emtanto, faltasse aos seus deveres conjugaes, embora o marido, pela sua edade, não fosse o homem capaz de fazel-a absolutamente feliz.

Amiga de Colette, comprehendendo que seria uma crueldade desfazer o bello sonho de amor da joven provinciana, achou Irene, embora o amasse, que chegára a opportunidade de chamar Pascal á razão, dissuadindo-o de continuar a importunal-a com as suas juras de amor.

De uma feita, em que Pascal supplicava-lhe que ouvisse, que lhe désse o prazer de vel-a, de falar-lhe a sós, Irene sentiu-se com coragem de dizer-lhe o que pensava, pondo termo á insensatez de ambos. Não, não deveriam continuar e Pascal não tinha o direito de fazer de Colette uma infeliz.

Essa conversa, pelo telephone, devido a um cruzamento de linhas, fôra ouvida por Daniel, cujo ciume da creatura loucamente amada era capaz de todos os excessos. Não, isso não ficaria assim. Vingar-se-ia do homem que lhe maculára o lar, tiraria delle a mais cruel das desforras.

E Daniel envolve Pascal numa transacção de bolsa ruinosa, tornando-se-lhe ainda credor de avultada quantia, cujo embolso o castello de Fonclare, opportunamente, garantiria.

Quando Pascal vem a ter noticia do desastre exige de Daniel explicações. A scena é empolgante. Pascal chamara-o de ladrão, a elle, Daniel! Qual delles era o ladrão? Se elle o prejudicára monetariamente, Pascal fôra além, roubando-lhe o

Emmy Lynn.

Com ruidosas recepções...

que de mais precioso tinha: a mulher que adorava.

Pascal estava aturdido. Julgando que era, apenas, provocada pelo desastre financeiro aquella tempestade que ia na alma do marido, Colette procura consolal-o, dando-lhe animo para vencer a refrega violenta. E de que carinhos e mimos ella o cercou, tentando reanimar-lhe o moral!

Uma carta de Irene, em que declara que o ama, mas que jámais será sua esposa, assim como, depois da infamia de Daniel, não continuará a viver-lhe ao lado, partindo para sempre, ainda mais augmenta a tormenta que se desencadeiára no coração de Fonclare. Dirige-se elle para os aposentos de Swift, procurando falar a Irene.

Subito, ouve-se o estampido de um tiro. Colette corre. Mil e um pensamentos sinistros agitam-lhe o cerebro. O banqueiro é encontrado morto, a arma ao lado. Sim, comprehendia Colette, agora: fôra o marido que se vingára do amigo, tirando-lhe a vida.

Para salvar Pascal, ella se accusa do

Colette tornara-o pae de tres petizes.

crime. Sim, fôra ella que mátara Daniel, que lhe arruinára o marido! Louca de desespero, chegára áquelle extremo! Que a prendessem, que a julgassem, que a condemnassem!

O juiz inicia o inquerito. Pascal, que procurava defender a mulher, não a julgando capaz do delicto de que a accusavam e de que ella propria se accusava, acaba por se compromettter, detendo-o, tambem, o magistrado.

Colette vira-o entrar nos aposentos dos Swift. Se não fôra para se vingar de Daniel, que fôra lá fazer, então? Para que mentir? Pascal confessa á esposa o motivo que o levára a procurar Irene. Queria dissuadil-a de partir, pois que a amava e não podia se conformar com a idéa de perdel-a, para sempre.

Esta confissão enche Colette de maior desespero. De que lhe serviria a vida, agora, sem o amor do homem que era a propria razão dessa vida? Que a matassem, quanto antes, que apressassem o momento de leval-a ao termo dos seus soffrimentos.

Na provincia, Philippe tivera a dolorosa noticia e recebera um envolucro, acompanhado de uma carta de Daniel. O envolucro só deveria, de accordo com a vontade expressa do finado, ser aberta dez annos depois de sua morte.

Philippe corre a Paris, procurando, immediatamente, o juiz. Como a lei lhe assegura o direito de abrir o envolucro, no interesse da justiça, o magistrado o faz.

Ali está a confissão de Daniel, a historia do seu desespero. O casal Fonclare era innocente.

Na prisão, Colette, illudindo a vigilancia da boa irmã que a acompanhava, tentara contra a propria vida num acto tragico de supremo desalento. Soccorrida a tempo, fôra posta fóra de perigo, felizmente.

Restituida á liberdade e ao carinho dos filhos, a saude volta-lhe rapidamente.

Os soffrimentos de Colette tinham operado o milagre de restituir-lhe o esposo amado. Agora, aos pés da creatura muito querida, Pascal supplica-lhe o seu perdão. Poder-lhe-ia ser negado?

...desfazer o bello sonho de amor da provinciana...

CORPO E ALMA

(B O R D E R L A N D)

Film Paramount — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Dora Becket. . . . Edith Wayne. . . .	Agnes Ayres
William Becket. . .	Fred. Huntley
James Wayne. . . .	Milton Sills
Francis Vincent. . .	Bertran Grassby
Clyde Meredith. . .	Casson Ferguson
Eileen.	Ruby Lafayette
Mrs. Coulon. . . .	Sylvia Ashton
Jimmy.	Frankie Lee
Totty	Mary Jane Irving
Elly.	Dale Fuller
Patrick.	Walter Wills
"Bose".	"Pal"

Edith Wayne era moça, bonita, rica e cheia de mimos. Dessa combinação de qualidades, raras vezes sáe coisa boa, é como Edith não constituia excepção á regra, começou logo por se susceptibilisar com James Wayne, seu marido.

James era um homem occupadissimo, obrigado pelos seus interesses a concentrar nos seus negocios commerciaes todo o tempo e energia de que dispunha. Do seu negocio é que sahiam os recursos com que elle custeava o luxo de sua mulher, e era-lhe, portanto, imprescindivel consagrar quasi todo o tempo aos seus affazeres para dahi tirar o dinheiro de que havia mistér.

Edith adorava as festas, bailes, reuniões sociaes, pic-nics, theatros e todas as fórmas de diversão, e, como o marido não pudesse sempre acompanhal-a, acabára por consideral-o sordido, egoista, avarento. Não comprehendia que elle não sacrificasse o seu trabalho, tão tremendamente importante, para acompanhal-a na sua vida de borboleta. Elle bem tentava explicar-lhe as coisas como eram, mas Edith não lhe dava ouvidos, e era melhor assim porque tampouco ella podia comprehender. Assim acabou ella por acreditar que era uma pobre esposa, descurada pelo marido, dahi se originando um desgosto que nada podia obliterar em seu coração.

... porque ella tão pouco podia comprehender.

E a mim, queres-me bem?

— Não faz caso de mim! — dizia de si para si. — Não me aprecia!

Muitas vezes, James dizia-lhe, a rir:

— Estás enganada, meu amor. Teu marido ama-te, ama-te a ponto de estar prompto a matar-se de trabalho para que, á sua linda mulhersinha, não faltem todas as lindas coisas de que ella tanto gosta. Desse modo, longe de se desinteressar de ti, o teu marido dá-te todos os dias uma nova prova de affecto.

— Eu ainda poderia aturar isto, — dizia Edith — se soubesse que semelhante regimen devia ter, brevemente, um fim, mas sei que esse dia vem longe, muito longe, e esperar por elle é, para mim, uma tortura!

— Tenha um pouco mais de paciencia, meu anjinho, — dizia elle, a sorrir e a beijal-a — bem vês que só tenho esta vida em beneficio do teu bem-estar!

— Não acredito! — retorquia Edith, num amuo.

— Pois bem: tornarei a explicar-te tudo quando voltar, — dizia James, ageitando o chapéo na cabeça para sahir, — e, durante estas horas em que terei de estar preso no escriptorio, Clyde te fará companhia, te procurará distrahir. Não é verdade, primo?

— Decerto, — respondia, vehemente, o mancebo, com um meneio affirmativo da cabeça romantica e de cabellos encaracolados. — Uma vez que tu não te resolves

a consagrar á tua esposa um pouco do teu tempo, terei eu que substituir-te!...

James riu-se de novo e piscou o olho, sorrateiramente, a Meredith, que, calculava elle, com essas palavras, procurava facilitar-lhe a retirada. Mas tão depressa Wayne desappareceu, Edith prorompeu em lagrimas, e Clyde, cingindo-a nos seus braços, beijou-a com o maior ardor.

— James é um bruto, um egoista, — declarava, indignado, o mancebo. — O modo como elle te trata, querida, é, positivamente, uma vergonha! E teve ainda a impudencia de presumir que eu estivesse de seu lado — eu, que trago o coração a sangrar ante o muito que tu soffres!

— E's muito bom e carinhoso, Clyde, e, francamente, sem tu não sei o que havia de ser de mim! — soluçou a jovem caprichosa. — O dever delle é pôr o meu conforto acima de tudo. Mas bem vês como elle me descarrega sobre ti ao minimo pretexto. Confesso-te que começo a sentir-me humilhada pelo seu procedimento!

— O que disso tudo se conclue é apenas que elle já não te ama! — disse Clyde.

— E eu, pelo meu lado, estou começando a detestal-o!

— Tens carradas de razão! E a mim, queres-me bem?

— A ti, Clyde, adoro-te por todas as attenções que me dispensas!

— Mas, então, por que não deixas esta casa para fugir commigo para outra parte do mundo? Eu me daria por feliz de consagrar-te, ali, todo o meu tempo e render-te as homenagens que James te regateia.

— E que deliciosa aventura havia de ser!

— De uma vez por todas, fugirias ao teu supplicio...

— Quem sabe... — disse, lentamente, Edith, os olhos animados de um vivo fulgor, as faces de setim, de subito, coradas. — Quem sabe...

Longe, no espaço, ficava o Poço Magico do Fim do Mundo. Era numa nuvem de ouro que os anjos rasgavam com as suas azas aflantes. A' margem do poço, a fórma de um lindo espirito, — imagem fiel da leviana Edith Wayne. Mas, nas feições celestiaes de Dora Becket havia uma triste e lutuosa expressão, porque era ella uma antepassada de Edith, que, ha muitos, muitos annos, transpuzera a facha ethérea que separa a vida de áquem e de além tumulo. Para Dora, a vida de jovem esposa caprichosa era como um livro aberto. Via-a com apprehensão prestes a resvalar, e não queria que Edith viesse a trilhar o mesmo doloroso caminho por onde, havia tantos annos, os seus pés haviam errado. Sentia que era seu dever sagrado correr á esposa illudida e prevenil-a do perigo. E, logo, espalmando as azas, docemente, fluctuou Dora pelo espaço, em direcção á terra, afim de cumprir a sua missão de caridade.

Os labios da morta pareciam articular palavras de prevenção.

Edith sentia cada vez mais intoleravel o apparente desinteresse do marido, cada vez mais consoladora e agradavel a meiga solicitude em que Clyde não cessava de envolvel-a.

No socego da "Nursery", ella baixou a vista sobre o doce rostinho do menino que era seu filho, e as lagrimas que lhe brotaram dos olhos cahiram sobre o rosto da creança e fizeram-n'a sorrir em meio ao somno.

— Jimmy adorado! — murmurou — Tu és a unica ancora que me prende, o unico laço que não tenho animo de romper!

(Termina no fim da revista)

Não havia moça mais attrahente do que Dora Dean...

timento, ao conseguil-a, foi quando comecei a tocar violino na orchestra do Theatro "Mission", em Salt Lake City. Eu era muito joven e frequentava ainda o Gymnasio, sendo considerada entre os meus amigos e collegas. Com a morte repentina de meu pae fui obrigada a procurar trabalho. Tive então de abandonar por completo toda e qualquer reunião, os convites para partidas e ir para o meu logar na orchestra, depois das horas escolares, trabalhando até altas horas da noite. A principio eu detestava todos e o trabalho. Porém, pouco a pouco, me fui acostumando, comprehendendo que a disciplina do trabalho me seria muito util. Si eu não tivesse conseguido aquelle emprego, duvido muito que viesse a ser o que hoje sou no mundo da téla. Dali, comecei a travar conhecimento com actores, emprezarios, conhecimentos esses que me valeram uma *tournée* pelo paiz, com uma companhia de vaudeville e cuja experiencia theatral me preparou o caminho em direcção ao logar que hoje occupo na Paramount.

1) *Gloria Swanson.* 2) *Josephine Hill.* 3) *May McAvoy.*

COMO EMPREGAM OS DOMINGOS, OS FAVORITOS DA TELA?

Wallace Reid, pescando; Buster Keaton, jogando o *crickett;* Marie Prevost, o *tennis;* Sessue Hayakawa o *golf;* Priscilla Dean, o *croquet;* Irene Castle, nadando em companhia do marido; Douglas e Mary, fazendo passeios de bicycleta.

☆ ☆ ☆

ENID BENNETT, depois de terminar o seu trabalho, ao lado de Douglas Fairbanks em *Robin Hood,* voltou á scena falada. Ella é a estrella em *The Sparting thing to do,* uma nova peça de Thompson Buchanan num theatro de Los Angeles.

☆ ☆ ☆

Em *The man who saw to morrow,* da Paramount, figuram Thomas Meighan, Leatrice Joy, Theodore Roberts, Albert Roscoe, Eva Novak e June Elvidge.

☆ ☆ ☆

O MEU PEOR TRABALHO E COMO CONSEGUI UM MELHOR

POR BETTY COMPSON

A minha peor occupação, sob o ponto de vista de meu sen-

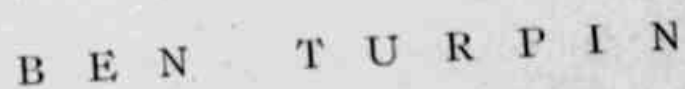
☆ ☆ ☆

A experiencia matrimonial de William Hart custou-lhe perto de 700.000 dollars. Winifred Westower, ao que se veiu agora a saber, era perdularia em excesso. Foi esse defeito o motivo de saparação. Bill Hart deu a Winifred, após o divorcio, 103.000 dollars, constituiu para o filho, em titulos, 100.000 dollars e garantiu cem dollars por semana para a creação do menino, durante um anno.

☆ ☆ ☆

Johnny Hines, aquelle pandego que vimos uma quantidade de vezes, nos films da World, escolheu Violet Mersereau para trabalhar em *Lucky,* o seu terceiro film para Charles Dun. Johnny tem alcançado successo com os seus films. O segundo, *Sure fire flint,* foi considerado superior ao primeiro que elle fez, *Pintando a manta,* que já conhecemos e que nos fez rir a valer.

CARONA - FILM

BEN TURPIN

ANNA Q. NILSSON tambem soffreu um pequeno accidente. Estava representando num film que tinha uma scena de incendio, e as labaredas alcançaram-n'a. O rosto ficou com algumas queimaduras, que, depois, foram julgadas sem importancia, mas não pediu indemnização a ninguem.

SESSUE HAYAKAWA teve uma pequena questão com a Robertson-Cole, hoje Film Booking Offices of America, a respeito de algumas clausulas do seu novo contracto.
O grande actor japonez resolveu dar um passeio ao seu paiz, com sua esposa Tsuru Aoki, e depois pensar em films novamente.

Agnes Ayres e uma tentativa de interview

(JOHN WYNGATE)

Todos os meus collegas, habituados como eu, a rondar os *studios* á cata de impressões, me haviam posto de sobre aviso: "Não ha cousa mais difficil do que obter qualquer declaração de Agnes Ayres. Ella nos recebe sempre com a maior amabilidade; quanto a prestar-se porém aos nossos caprichos de cavaqueadores de officio, isso é que é o mais difficil; furta-se a qualquer interrogatorio com diabolica habilidade".

Eu conhecia Miss Ayres. Ella me autorisava mesmo certa intimidade. Assim resolvi armar-lhe uma trahição.

Foi em um trem de Los Angeles, quando ella se dirigia, com a sua companhia, para um ponto dos suburbios, onde ia fazer scenas de um film, que pude surprehendel-a.

Untando as mãos de um servente, elle indicou-me o camarim onde a linda estrella se installára sózinha. Cheguei-me, cautelosamente, e com a voz mais supplicante que pude arranjar, formulei o pedido:

— Dá licença ?

— Entre.

Empurrei a porta. Agnes, sentada, lia. Ao ver-me, o seu sorriso accentuou-se, mas nos seus olhos li que estava em guarda.

— Que milagre foi este ? A viajar tambem ?

— De facto. Negocios. Sabendo que ia no trem vim fazer-lhe companhia. Não fosse se aborrecer sózinha.

Ella olhou-me, e nos seus olhos li a duvida.

— Que caridoso me sahiu, meu caro ! Louvo-lhe a intenção.

— Ah ! Eu sou como mandam os Evangelhos. Não posso deixar de acudir aos meus semelhantes. Mas si se aborrece...

— Não. Já que não quer me dirigir perguntas inconvenientes, como seus companheiros, póde sentar-se que me dá prazer. Assim conversando mataremos o tempo.

Mas nos seus olhos não li ainda desta vez a convicção.

— Estava lendo ? Eu não posso ler no trem. As letras jogam e eu acabo embaralhando tudo.

— Falta de habito. Eu leio sempre que viajo. Assim aproveito o tempo.

— E que lia ?

— Shakespeare.

— O divino...

— E'. Mas nem sempre, si bem o leia com prazer, com elle concordo. Estava justamente a meditar essa phrase do poeta: "O amor cujo destino é alegrar-nos..." Concorda ?

— Uhm ! E Miss Ayres ?

— Não concordo, ahi tem. Ora, só quem não acompanha com attenção o que fazem dois namorados, e ás vezes até dois noivos, póde considerar o amor fonte de alegrias. A's mais das vezes vão os dois com a cara mais aborrecida deste mundo, [illegible], como se quizessem attestar á face do Planeta, que alguma cousa superior os obri-

HELEN CHADWICK

PRISCILLA DEAN

LEATRICE JOY

BETTY COMPSON

de Richard Barthelmess no film *The bond boy.*

☆ ☆ ☆

O futuro film de Mary Carr é *Penzie*, em que trabalham ta, Peggy Shaw, Myrta Bonillas, etc. Miriam Battis-

☆ ☆ ☆

Fala-se n casamento de Marie Prevost e Kenneth Harlan.

☆ ☆ ☆

Elliot Dexter e Bryant Washburn estão tra a Metro, actu- balhando com almente.

☆ ☆ ☆

Em *Peg of my Heart*, com Laurette Taylor, trabalha

BEBE DANIELS

gou a contra-gosto a gostarem um do outro... E se a gente em vez de olhar para o casal examina a cada qual isoladamente, que compuncção naquellas feições de martyres!

— Mas isso mostra, Miss Ayres, que o amor quer a exclusividade...

— Mas é odioso, e além de odioso, ridiculo. Se um dos dois diz qualquer palavra amavel, faz qualquer referencia elogiosa sobre um terceiro, é uma tempestade que se fórma logo... E' positivamente uma cousa insupportavel. Se é essa a alegria que traz o amor...

— E, diga-me uma cousa, Miss Ayres, nunca esteve apaixonada?

— Não. Mas olhe, com franqueza, duvido que o amor me fizesse perder a jovialidade, tornando-me macambuzia. Póde a gente, ao menos o julgo assim, conciliar perfeitamente o temperamento alegre com a paixão. O mais é egoismo.

Chegavamos. Despedimonos. Foi por esse meio, que consegui obter a opinião de Agnes Ayres sobre o amor.

☆ ☆ ☆

VIRGINIA MAGEE, que trabalhou com Lillian Gish em *Way down East* e *Orphans of the Storm*, é a nova *leading-woman*

Pearl White

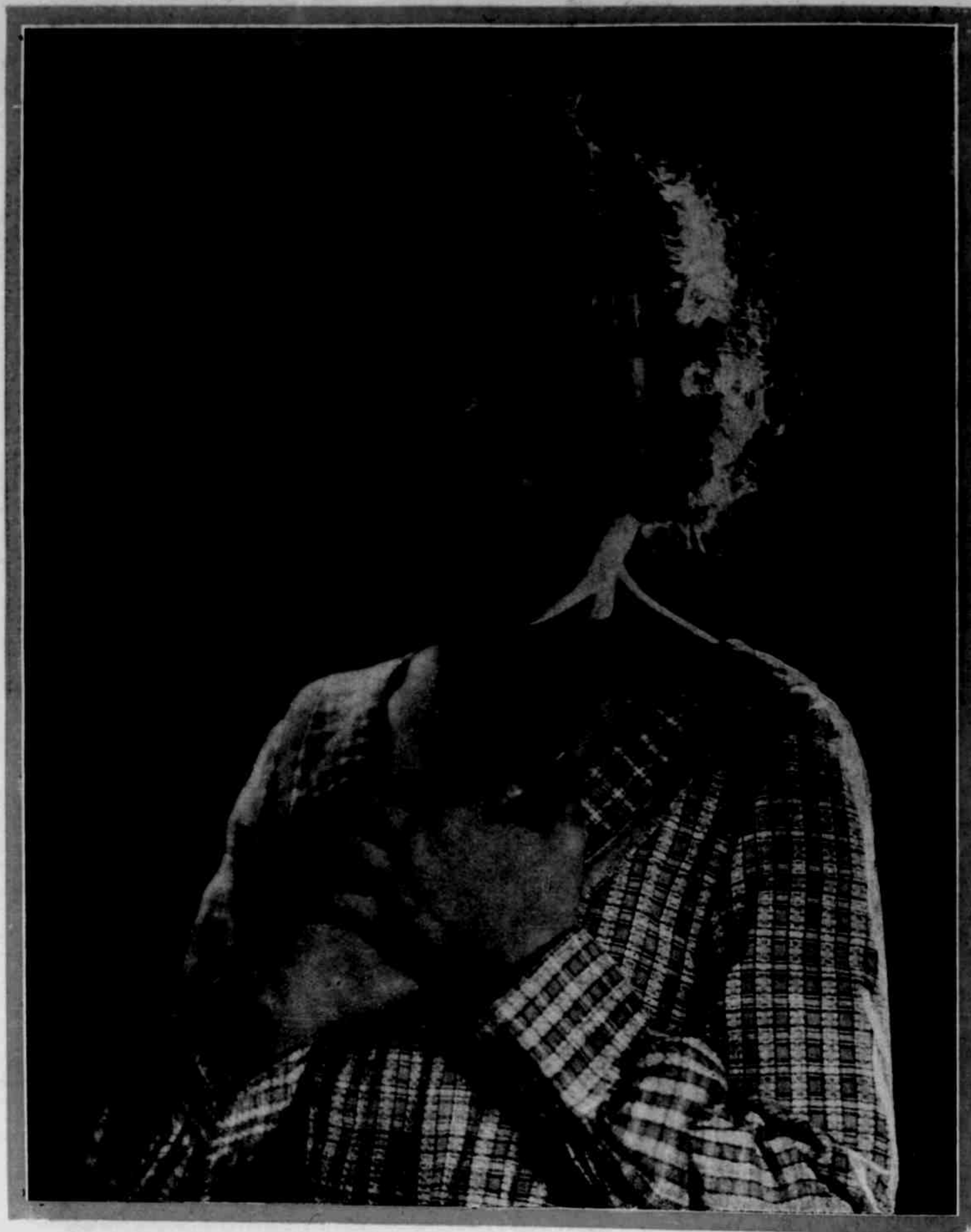
rão Mahlon Hamilton, Fred Huntley, Ethel Grey Terry, Nigel Barrie, Lionel Belmore, Russell Simpson, etc.

D. Cesar de Bazan vae dar um novo film, este agora da Paramount é posado por Valentino. O argumento é de June Mathis.

☆ ☆ ☆

No film da Universal, *Broad Daylight*, trabalham Irving Cummings, Jack Mulhall, Lois Wilson e Ralph Lewis.

☆ ☆ ☆

The Spanish Cavalier será o novo film de Rodolph Valentino para a Paramount. Dirigil-o-á Allan Dwan.

MAY MC AVOY

MONTAR A CAVALLO E' UMA ARTE.

"Montar a cavallo, é uma arte, um desporto e uma sciencia". Essa é a opinião de Jack Holt, uma das estrellas da Paramount, um optimo cavalleiro, além de ser um artista acabado e professor de equitação na escola da Paramount Stock Company. E o Sr. Holt continua: "Nesta edade em que o automovel é o vehiculo indispensavel da moda, muita gente pensa que o cavallo está sendo esquecido e abandonado, destinado mesmo a desapparecer por completo.

"Naturalmente, si se trata desse animal pesado do tiro, sem a esthetica dos puro-sangue, usado simplesmente para o trabalho, concordo, elle tem de desapparecer, tem de ser substituido pela machina. Porém a arte de montar terá mais adeptos e continuará a existir emquanto o homem viver.

"A arte de montar, bem pouca gente conhece. Mesmo aquelles que andam a cavallo a ignoram. Muitos daquelles que andam hoje a cavallo são pessimos cavalleiros.

"E todos aquelles que se dedicam á producção de fitas, isto é, todos os artistas, si quizerem ser artistas no verdadeiro sentido da palavra, devem cultivar a arte indispensavel de montar a cavallo. Uma das primeiras perguntas aos que fazem applicações para os trabalhos do palco mudo é hoje em dia: "Sabe andar a cavallo?"

Quasi todos os artistas, tanto homens como mulheres, ao desempenharem os seus papeis nesta ou naquella fita, têm sempre de mostrar a sua maestria em montar a cavallo. Em quasi todas as fitas em que tomo parte eu tenho de andar a cavallo, de qualquer modo.

A ultima fita em que tomo parte, "While Satan Sleeps", foi uma das raras excepções."

SIM OU NÃO

(Fim)

se encontrara na perigosa encruzilhada e que, estrangulada pela brutalidade da vida dissera: "Não!" A sorte lhe sorrira, Jack havia triumphado no seu invento, depois de esforços desesperados. Viviam agora no seu *cottage* sem luxo, mas confortavel, onde havia flôres no jardim, saude para os filhinhos, amor e felicidade para ella e Jack Berry. Os maus dias haviam passado, Minnie encontrara no bom quilate da sua moral a força para resistir á tentação da miseria. Ella olhava para traz e estremecia, experimentando á lembrança daquelle dia a mesma sensação que teria sentido á beira de um abysmo. Minnie sabia que nunca aprendera a enfrentar os *casos* da vida, mas nas suas reservas moraes encontrara a coragem para recusar a ventura que se lhe offerecia irresistivel pelos deveres de uma existencia de amargas miserias. Ella era feliz, porque respondera "Não" ao demonio da tentação, quando se achou sosinha junto da arvore do bem e do mal...

CORPO E ALMA

(Fim)

Em baixo, no salão nobre, atufado de sedas, de setins, de rendas, de brilhantes, reuniam-se os convidados. Ao balcão, a banda pompeava no "jazz", e as flores que cobriam o tecto e as paredes enchiam o recinto de perfumes. Na sala de banquetes, uma legião de creados preparava um maravilhoso repasto.

Edith beijou, enternecidamente, o filhinho, e, descendo a grande escadaria de marmore, penetrou no resplendor atordoante dos lustres de mil luzes, onde Clyde estava á sua espera. Bastou-lhe um simples olhar para ver que James não estava na sala, e Edith reprimiu a dor do seu cruel desapontamento.

— Não póde estar presente, nem mesmo numa noite como a de hoje! — reflectiu. — Mas bem me importa a mim! Não faltam outros homens, anciosos de lhe tomarem o logar junto de mim!

Os seus olhos cahiram sobre um velho retrato a oleo, que representava Dora Becket, a antepassada que era o seu retrato vivo. E os olhos tristes da morta pareceram fascinal-a, acorrentar-lhe a attenção. Edith teve a momentanea impressão de que a figura se desprendia da téla e, fluctuando no ar, pairava em torno della como um anjo da guarda, a protegel-a. Os labios da morta pareciam articular palavras de prevenção e de conselho, mas Edith não pareceu comprehender o que o espirito da ausente lhe queria dizer.

E tão fascinada, tão absorta estava a jovem, que só despertou do seu alheiamento quando sentiu pousar sobre o seu braço uma mão firme e viril, que a chamou á realidade, de repente. Depois, ouviu as palavras pronunciadas por Clyde:

— De novo engolfada nos teus sonhos, querida? E que te apparece nesses sonhos?

De improviso, a linda visão de ha pouco sumira-se no ar, separara-se da figura silenciosa, e, aos ouvidos de Edith, ecoaram risadas, e os seus olhos se encheram do clarão de mil lampadas accesas, que afugentaram da sua memoria a visita do espectro.

— A primeira dansa é minha, — dizia Clyde, pressuroso.

E Edith, sorrindo, se deixou arrebatar nos seus braços.

— Creio que estou um pouco nervosa esta noite, — disse.

— Põe á margem as tuas tristezas domesticas e procura divertir-te. A vida é uma breve jornada. Por que não aproveitar cada minuto que ella nos offerece, para o amor, para a felicidade, para tudo quanto reclama o teu coração?

— Esqueces-te de um obstaculo: o meu filho!

— Manda-o para um collegio. Está em boa idade de começar, e, com o teu egoismo de o teres junto de ti, em casa, só prejudicarás o seu futuro.

— Tens toda a razão. Falarei a James a esse respeito.

Aquelle alvitre tirou-lhe de sobre o espirito um grande peso. Era um meio de pôr termo á sua angustia e de poder gosar a felicidade a que aspirava.

— Acceitas, então, fugir commigo?

— Sim, de hoje a oito dias, ás dez da noite, me encontrarás em Ponta Becket. Ali, te darei a minha resposta.

— Oxalá essa resposta seja affirmativa, meu amor!

— Pódes ter essa esperança! — disse, afastando-se a sorrir, acenando-lhe um beijo, ao mesmo tempo. — Estou começando a querer-te bem!

Quando Edith mergulhou na sombra do jardim, a alva figura espectral de Dora Becket pareceu sahir da penumbra e chamal-a junto a si. Edith quasi deixou escapar um grito ao perceber o esforço doloroso com que a visão procurava articular palavras que teimavam em não vir, — palavras de prevenção contra a insensata aventura a que a jovem esposa estava inclinada a abalançar-se.

Mas Edith fugiu, aterrada, convencida de que era apenas a sua consciencia culpada que lhe fazia sentir a manifestação da presença da morta.

* * *

Ponta Becket era um penhasco agreste que as arvores cobriam.

O granito alçava-se a uma altura de mil pés sobre o rio espumante que em baixo, se despenhava no mar.

Terra a dentro, por entre os pinheiraes, ficava o velho solar dos Beckets, uma mansão colonial levantada na época de Washington. Actualmente a velha construcção, de tijollo ennegrecido ao tempo, com os seus *treillis* desmaiados, com as janellas despedaçadas, os canteiros invadidos pelo joio, estava confiada tão somente á guarda de uma velha creada da familia.

Foi com esse destino que Edith fugiu na noite marcada para o insensato passo que devia destruir quatro vidas. Olhando por entre os penhascos agrestes o mar negro e viscoso, que marulhava ao longe, e sobre o qual pairava um manto de nevoa, prenunciador de uma tormenta, Edith avistou o relampejar das luzes a bordo do navio, que, ao dia seguinte, a levaria a um paiz estrangeiro, em companhia do homem que a arrebatára a James Wayne.

O vento passava aos saccões por entre as lages rispidas, sibilava por entre as arvores, a contorcerem-se, repetindo, debalde, a sua ameaça.

Edith assentára, firmemente, a sua resolução e sentia que estava procedendo bem. Uma carta deixada em casa a James explicava tudo quanto ella considerára conveniente dizer ao *monstro*. Sim, porque para ella, James era a incarnação do demonio. Os longos scismares em que ella fantasiava a sua desgraça haviam exagerado por tal modo a culpabilidade attribuida ao marido, que Edith acabára por convencer-se de que, realmente, o detestava.

A' ampla porta da frente, bateu a pesada aldabra de bronze, despertando um éco lugubre em toda a velha mansão. Acudiu uma velhinha encurvada para o chão, que mais parecia uma bruxa, e, alçando o lampeão de azeite a toda a altura do braço, procurou ver, através os seus velhos oculos, orlados de ferro, quem era o tardio visitante.

— Ah, a sra. Coulon! — disse Edith.

— O que?! A senhora! Ah, minha querida filha!

E a anciã apertou nos braços a figura um tanto attonita da moça, conduziu-a comsigo e cerrou a porta.

Pelo chão, pelas paredes, bailavam sombras fantasticas, produzidas pelo clarão vivo das achas seccas, a arder na lareira aberta. Ao mesmo tempo que afagava com um dos braços a moça que ajudára a criar, a velha installava-a num assento confortavel, junto ao fogo, depois do que descançou o lampeão sobre uma antiga mesa de mogno.

— Clyde não esteve aqui? — perguntou Edith, anciosa.

— Não, ainda não, — respondeu a velha creada, com uma expressão triste. — Vejo que está resolvida a partir com elle, esta noite...

— Sim, para longe, para longe... — completou Edith, como se sonhasse — ...para um recanto do mundo onde nunca mais aviste o monstro cruel que, pelo seu abandono, fez da minha vida um purgatorio!

Poz os olhos na sua velha amiga como se aguardasse a sua approvação, e pareceu-lhe que o seu rosto, a sua figura, se transformavam, subitamente, no espirito de Dora Becket, vindo do mundo de além-tumulo. Sacudiu-a um arrepio e fechou os olhos para não ver. Quando, porém, os tornou a abrir a apparição sumira-se, e encontrou, de nôvo, defronte de si a velhinha, com os olhos postos no lume ardente, onde a lenha crepitava de vez em vez. Mas aquelles olhos não viam, perdidos como estavam num scismar, em que pairavam recordações remotas!

— E' a velha historia de sempre! — exclamou a velha creada, cuja voz se transformára, mysteriosamente, na de Dora, na voz do fantasma. — E' a mesma insensatez dos seus antepassados, Edith! E' a eterna maldição que péza sobre os Beckets!

— Por favor, não diga isso! — supplicou Edith, tranzida de medo.

— Ouça, menina, — proseguiu a velha, sahindo-lhe monotonamente as palavras da bocca, mas quem falava realmente era o espirito de Dora, que a fazia mensageira do seu verbo presago. — Conhece a lenda de sua familia? As lagrimas de sangue de que ella fala?

— A senhora assusta-me! Sinto-me nervosa! — disse Edith, aferrando convulsivamente o braço da velhinha.

— Deixe-me contar-lhe a historia emquanto é tempo, para que lhe sirva de exemplo e lhe seja poupado um mundo de soffrimentos e desgostos! — declarou a velhinha em voz soturna. — A senhora tem o inferno diante de si; atraz

de si, o paraiso. Antes de consentir em que Clyde Meredith a leve, antes de dar esse passo falso, que conduz á perdição, detenha-se um momento e escute a voz que vem do além, da etherea região onde se separam a vida e a morte...

— Sim, sim — arquejou Edith, dolorosamente. — Continue. Estou ouvindo...

E, então, a velha, de sinistro semblante, deu principio á sua estranha historia, e o espirito da morta bateu as azas, protectoramente, em torno da ouvinte, palpitante e perplexa.

"Ha muitos annos não havia, nestas redondezas, moça mais linda e attrahente do que Dora Dean. Amada, cortejada por todos os mais guapos mancebos do paiz, arrastou-a, finalmente, a vaidade, o amor ao luxo, a renunciar ao capitão Francis Vincent para preferir William Becket, um pobre velho affligido pela doença. O galhardo capitão de marinha era formoso de figura, sympathico de modos, e a moça sentia bem que o amava desvairadamente. Mas como podia ella resignar-se ao amor delle e a uma cabana, se, de outro lado, se lhe offerecia o homem mais rico de todo o Estado? Assim, pois, desistiu do capitão e desposou o rabujento velho, que a amaldiçoava por cada vintem que ella gastava, satisfazendo-lhe, porém, os caprichos para reter o seu amor. Em tempo, Dora veiu a ter um filho, Totty, mas a creança foi crescendo tendo por unico amigo "Bose", o cachorrinho da casa. Era uma creança muito turbulenta, o que bem se justificava, porquanto o pae, que foi o constructor desta casa, raramente a via, e a mãe, invariavelmente preoccupada com os bailes e divertimentos, pouca attenção consentia em prestar-lhe. Assim, criada sem nenhum freio, Totty nunca teve consciencia dos erros que commettia com as suas constantes traquinadas, e, como continuava a crescer sem que ninguem nella tivesse mão, acabou ficando peor. Se Dora soubesse das tendencias da creança, talvez houvesse aplacado a sua sêde de divertimentos e se houvesse convertido numa mãe exemplar. Mas Dora, ao contrario, proseguia no caminho da ruina, encontrava-se, clandestinamente, com o seu namorado de outr'ora, o capitão Vincent, e ia mais e mais deixando a sua casa ao abandono."

Um arrepio de frio sobresaltou Edith. Que analogia estranha entre o seu caso e essa vida romantica de sua avó materna!

— E depois? — interrogou, pressurosa, mal a velhinha se deteve.

— O jovem capitão estava a maior parte do tempo a bordo do seu navio — proseguiu a velha criada, na mesma toada somnolenta de quem repetia palavras pensadas por outrem. — Quando, porém, vinha ao porto, sempre ancorava a sua embarcação em Ponta Becket, ao sopé dos rochedos, e passava os seus lazeres na velha casa, a conversar com Dora, a combinar o modo de fugir com ella na primeira occasião propicia.

Essa occasião deparou-se aos dois amantes quando William Becket se viu, certo dia, forçado a ausentar-se, e, esquecida do seu marido, da sua casa, da sua filha, Dora desceu os rochedos em direcção ao escaler onde a aguardava Vincent, para a levar a bordo do seu navio. A creança ficou sosinha nesta casa immensa, tendo por unico companheiro o seu fiel cãosinho. Durante algum tempo, entreteve-se a brincar, sem dar por falta de sua mãe, depois poz-se a correr na ala norte da casa com "Bose" atraz della, a ladrar e a saltar-lhe ás pernas. Creança demais para ter noção do perigo que havia em brincar com o fogo, a menina trepou a uma cadeira, resolvida a apoderar-se de um castiçal de prata, em que ardia uma grande tocha de cera. O castiçal escapou-se-lhe, porém, das mãos e cahiu ao chão, rolando depois até junto de uma cortina e incendiando-a. Encantada com o espectaculo das chammas, a pequenina poz-e a rir, aos pulos, na maior alegria. Dahi a pouco, porém, a sala ficou cheia de um fumo suffocante e as chammas intensas, levando na direcção de Totty o seu calor intenso, puzeram-n'a transida de medo. A creança começou aos gritos, e correu escada acima, em direcção a uma janella aberta, uma vez que Dora tinha fechado á chave a porta da frente. Ali, em lagrimas, que lhe rolavam pelas faces, poz-se aos gritos, estendendo os braços, chamando, commovedoramente, por sua mãe.

A bordo do navio que se balançava no mar, a maruja do capitão Vicent preparava-se para levantar as velas e partir, quando o reflexo avermelhado das chammas illuminou as franças do arvoredo sobre os penhascos. Tomada de horror, Dora sahiu do seu camarote e teve a immediata comprehensão da catastrophe. Recordou-se, desde logo, que deixára só em casa a sua pobre filhinha e viu-lhe o corpinho diminuto desenhado em silhueta á janella do edificio, que as chammas iam devorar. O perigo era evidente.

— Francis! — gritou a pobre mãe. — Pelo amor de Deus, vae á terra! Olha ali! E' a minha filha, a minha pobre filha ameaçada de uma morte horrivel!

— E se teu marido voltar e me encontrar em casa?

— Pouco importa! Sê um homem! Salve a minha filhinha!

Mas o capitão fez ouvidos surdos ao appello desvairado da mãe afflicta, que sentiu como se mão de gelo lhe aferrasse o coração. Estava pallida de morte, mas os seus olhos ardiam como tições.

— Covarde! — exclamou.

E, sem hesitar um momento, atirou-se á agua, no esforço desesperado de nadar para terra e salvar a creancinha. A corrente impetuosa em breve colheu aquelle corpo debil e franzino, e Dora, irremediavelmente, foi arrastada para mais e mais longe de terra, os olhos limpidos cravados naquella silhueta da janella, até mergulhar por fim e morrer com um tremendo peccado na sua alma.

Era um peccado que promettia vedar ao seu espirito a entrada no Paraiso, — um peccado que a ia fazer errar pela fronteira que separa a vida da morte, e ali permanecer até que o resgate de alguma alma afflicta lhe ganhasse entrada no céo.

— E a creança? — interrogou Edith, angustiada.

— Arrastada pelo cãosinho, seu amigo, a elle foi devedora da vida. O fogo poude ser extincto e a creança tornou-se numa linda e nobre mulher, que, mais tarde, se casou e veiu a ser sua mãe.

Durante alguns momentos, fez-se um silencio mortal. A narrativa fôra varando a consciencia de Edith, mais e mais, tal um punhal acerado, ao mesmo tempo que ella reconhecia ir seguindo nas pégadas daquella mulher que se condemnára, ella propria, á punição eterna, por se haver obstinado em sacrificar a sua honra a um miseravel. E então foi um subito despertar de tudo quanto a sua indole continha de melhor, e Edith poz-se de pé, de um salto, como se houvesse sido galvanisada para uma nova vida.

— Santo Deus! — exclamou. — Que terá sido feito de meu filho?

— Sim, — repetiu o espirito que falava pela bocca da velhinha. — Que terá sido feito de seu filho?

— Preciso correr para junto delle, já, sem perda de tempo! Tenho que ver quanto antes o meu filhinho adorado, senão perderei o juizo!

— Mas a senhora veiu aqui para unir-se a um homem que pretendia tomar o logar desse menino em seu coração, não é verdade?

— Não, não! Ninguem póde tomar o logar desse entezinho, que é a carne da minha carne, o sangue do meu sangue! Ninguem me poderá separar jámais dessa creança, a quem quero mais do que á minha propria vida!

Numa corrida, alcançou a porta e a velhinha sorriu quando a viu subir para o auto e atirar-se numa carreira vertiginosa pela treva da noite, como uma bala impellida por um explosivo poderoso. A velha creada deixou-se cahir, então, sobre o espaldar da cadeira, á beira do lume accezo, e cerrou os olhos. A cabeça pendeu-lhe para traz, como se a colhesse um repentino estupor e, no silencio da sala triste, pareceu desprender-se uma fórma astral do corpo da velhinha. E essa fórma, ao ascender na nevoa e dissipar-se, pouco a pouco, revelou traços extremamente semelhantes a Dora Becket.

A massa nebulosa atravessou o espaço até um certo momento em que o céo se rasgára, á sua chegada. No ponto em que se encontravam dois feixes de luz convergentes havia um resplendor dourado tão forte que mal se podia olhar. Mas, de um lado e outro, viam-se bem choréas de anjos pairando nas résteas de luz, e o espirito de Dora Becket se collocou entre elles, envolto numa aura deslumbrante.

Soou, então, uma musica celestial e o angulo de luz abriu-se para apparecer um anjo do céo, ante o qual se deteve o espirito de Dora. Levantou o anjo um dos braços e, tão depressa se interrompeu o côro celestial, logo uma voz ecoou no vacuo:

— Dora Becket: por graça de Deus acabas de resgatar a tua alma. Entra e vae procurar a filha a que só podias juntar-te depois que salvasses do peccado uma outra alma!

E, mal se sumiu no espaço o espirito contente, em cujo semblante a paz e o jubilo haviam desfeito a expressão triste habitual, o côro celestial tornou a fazer ouvir um hymno cujos écos foram morrer longe, bem longe, aos pés do Creador.

* * *

Olhos palpitantes, anciosos, Clyde esperava Edith no logar que ella lhe marcára, caminhando agitadamente, de um para o outro lado, quando a viu passar a toda a velocidade, no seu auto. Ainda gritou por ella, mas Edith volveu-lhe um olhar que bastou para lhe fazer comprehender que a havia perdido para sempre.

Despertara nella, clamoroso, todo o seu instincto maternal, e o seu pensamento absorvia-se, agora, na preoccupação de Jimmy, do que, porventura, lhe tivesse succedido. Assaltavam-n'a mil receios em torvelinho, mas esses receios só puderam accender nella uma coragem de que jámais havia sequer podido suspeitar.

Com mãos peritas foi levando o carro pelas estradas campezinas, e sentindo o desmoronamento de todos os seus sonhos, a dissipação de todos os seus caprichos, ao mesmo tempo que surgia dentro della, ainda não tarde, a verdadeira mulher. Sentia bem que havia estado á beira da catastrophe, que só o despertar da consciencia a impedira de destruir para sempre a sua vida. E era, na sua consciencia, o irromper de uma nobreza que mal se teria adivinhado nella.

— Tenho tratado meu marido como a um cão! — reflectiu. — Tenho sido uma frivola, uma vaidosa, uma egoista, uma louca! Nem uma vida inteira de dedicação compensará os meus entes queridos do mal que lhes tenho feito!

Edith levava por destino o collegio em que recolhera seu filho e que, effectivamente, dahi a pouco, lhe appareceu á vista.

No momento em que o carro varava, de esfusiada, o portão do estabelecimento, appareceu então o gymnasio, em cujo telhado os seus olhos perceberam uma pequenina figura que a levou a apertar os freios com tal impeto que o carro se arrastou alguns metros sobre as rodas immoveis.

Era seu filho e Edith mal poude conter o grito selvagem que lhe acudiu aos labios quando lhe reconheceu o rostinho. O menino tinha os olhos cerrados e vestia o seu camisão de dormir. Desde muito creança ainda, Jimmy déra mostras de ser sujeito a accesos de somnambulismo. Era evidente, agora, que o menino se levantára do leito dormindo, e, por algum meio tinha alcançado o telhado do gymnasio. Um passo em falso sobre a superficie em declive e a creancinha estaria cá em baixo, morta! Edith não ousava gritar-lhe para o avisar do perigo, pois sabia que um subito despertar podia ser fatal ao somnambulo. De um salto, porém, pulou fóra do carro e se dirigiu a um dos flancos do edificio.

Ali encontrára uma escada; mas nem ella poderia contar como a subira, por que modo se precipitára sobre o menino quando os pés delle já estavam á beira do precipicio, como a sua mão o retivera a tempo de impedir que elle se atirasse no espaço. Um grito que não podia mais reter escapou-se-lhe dos labios descorados, quando pizou terra, com a preciosa carga amorosamente cingida entre os seus braços. Esse grito despertou a todos no collegio e attrahiu-os onde estava Edith, a quem encontraram num pranto hysterico, a beijar, a abraçar, repetidamente, o menino, ha pouco arrancado á morte. O director, inteirado do que se passára, não teve animo de formular a menor ponedração quando ella lhe disse:

— Vou levar Jimmy para casa. E' onde elle deve estar. E' creança demais para estar interno e, além disso, com esta molestia que tem, precisa junto de si alguem que olhe por elle com desvelo.

Em breve, mãe e filho estavam em casa. Ao copeiro que lhes abriu a porta Edith ordenou:

— Se Clyde Meredith apparecer aqui em casa, não o mande entrar!

— Louvado seja Deus! — murmurou o velho serviçal.

— O senhor Wayne já voltou do escriptorio?

— Ainda não, minha senhora.

Fervorosamente, agradeceu a Deus por essa circumstancia, e, immediatamente, correu a apanhar a carta em que revelava ao marido o seu acto de loucura, — palavras que — agora bem o comprehendia, — o inutilisariam para sempre o pobre James, se elle as chegasse a ler.

Atirou a carta ao fogo e conduziu o menino ao seu quarto, onde o deitou no berço. Debruçou-se, então, sobre a creança e beijou-a longamente.

— Ah! — exclamou James, em tom satisfeito. — Vejo que mudaste de resolução e tornaste a trazer o menino para casa, Edith.

A moça voltou-se e fitou-o com um sorriso.

— Elle não póde estar melhor em parte alguma do que junto de sua mãe.

— Grande verdade! — exclamou James, cheio de contentamento. — Que tens? Acho-te pallida e triste...

— Estou um pouco perturbada hoje, — disse, sorrindo. Mas não te afflijas. Não é nada de cuidado. E' que tenho reflectido muito...

— Sobre...?

— Sobre o meu comportamento. E reconheço que me tenho queixado de ti sem razão, que tenho levado uma vida que nada justifica. Mas tudo isso vae mudar. E, com o teu estimulo, verás que attenção me vão merecer agora a nossa casa e a nossa familia.

— Ah! Mas que mudança! — exclamou James, radiante de surpreza.

— A vida não é uma dobadoura de frivolidades e prazeres, — explicou Edith. — Sei agora que ha outros deveres mais importantes a que é preciso attender: cuidar de ti, cuidar do nosso filhinho...

— Sim, senhor! Mas que feliz surpreza! Francamente, nunca pensei que tivesses tanto juizo! Verdade é que isso em nada fazia diminuir o meu amor por ti!

— James, ás vezes, é preciso um golpe mais forte para levar certas pessoas á comprehensão do que devem áquelles a quem amam. Em mim, o incitamento foi mental e trouxe-m'o uma voz do além-tumulo. Vamos, James: abre-me os teus braços e beija-me, beija-me muito! Quero, agora mais do que nunca, o teu amor!

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

Sr. Operador. — Tenho acompanhado com real interesse o progresso sempre crescente que tem alcançado o "Para Todos..."

Quando esta revista encetou a sua publicação não foi destinada á cinematographia, a julgar pelos seus primeiros numeros, mas, logo que começou a ampliar a secção "Cinema Para Todos", o povo tomou mais interesse pela referida revista, havendo muitos pedidos para que ella trouxesse paginas a côres no texto. Deante destas solicitações, "Para todos..." resolveu abrir um plebiscito, propondo aos leitores satisfazer-lhes a vontade, com a condição de augmentar $100 no preço da venda avulsa, ou continuar como até então. A esse plebiscito compareceram alguns mil votos a favor e apenas uns 4 contra.

Ultimamente têm sido publicadas excellentes descripções de films, verdadeiras descripções e não méros resumos, o que dá um valor incalculavel ao "Para Todos...", agora consideravelmente augmentado.

Tambem quem não o aprecia? basta tratar do cinema para ser lido e relido por quantos o conheçam.

Quem não gosta do cinema? o cinema é, sem duvida, a melhor diversão dos nossos tempos.

Quem não gosta de assistir um trabalho de Norma Talmadge, de Wallace Reid, de Eniol Bennett, de Eddie Polo, ou de Bryant Washburn? quem não aprecia a intrepidez de Marie Walcamp, o tiro certeiro de William Hart, a força espantosa de Elmo Lincoln? quem não se commove ao assistir um drama da excellente tragica Pola Negri, ou um facto historico por Emil Jannings ou por William Farnum? quem não aprecia Charles Chaplin, Harold Lloyd, Lee Moran, Baby Peggy ou Jane e Catherine Lee em suas hilariantes comedias?

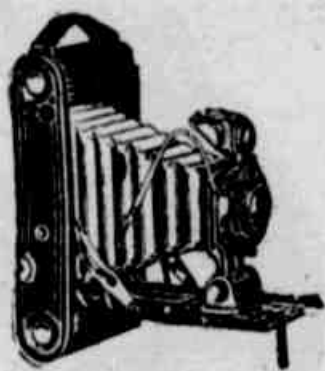
Ninguem.

Além desses artistas e muitos outros que formam o encanto do cinema, existem os films naturaes, que instruem a quantos os assistem. Factos, casas, cidades, estatuas e homens notaveis, passam sob a vista do espectador como uma visão encantadora!

Eis o que é o cinema, Sr. Operador.

Terminando, felicito-o sinceramente pelo progresso do "Para Todos...", que já conta quasi 5 annos, e apresento-lhe meus votos de feliz anno novo.

Itaperuna, 5 de Dezembro de 1922. — *Emil R. Silva.*

ELIXIR DE INHAMÉ
FORTALECE
DEPURA
ENGORDA
ELIXIR DE INHAME GOULART

ROSAURA

TANGO

por G. VANZINA PACHECO.

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO DE MENDEL
Si na "toilette" feminina se suppimissem os valiosos recursos do toucador, desappareceriam igualmente os muitos encantos pelos quaes triumpha a belleza da mulher. Concretisando o caso póde-se affirmar que sem o uso do
PÓ DE ARROZ MENDEL
não seria possivel admirar essas cutis de seda, tão deliciosamente frescas e delicadas, cuja exquisita e aristocratica finura imprime ao rosto um cunho de soberania que captiva a nossa attenção.
O PO' DE ARROZ MENDEL possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de cremes ou pomadas. Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "chair" carne para as loiras e "Rachel" (crême) para as morenas. Vende-se em todas as perfumarias e casas de primeira ordem. Agencia do PO' DE ARROZ MENDEL: rua 7 de Setembro n. 107, 1° andar.
Tel. 2741
Rio de Janeiro
Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.
MENDEL & C.

Off. Graphica d'O MALHO